

Deponente: Ricardo Apgaua

Entrevistador: Maria Céres Pimenta

Data: 28 de junho de 2017

MARIA CERES: O Ricardo, eu só vou explicar como é que é o depoimento, e depois ela faz antes, antes viu? É... começar a gravar, a ... viu Laura, você vai apresentá-lo, dizer quem tá aqui.

INTERLOCUTOR: Tá.

MARIA CERES: Tá? Que tá aqui assistindo, e você vai falar, da forma, da maneira que você quiser, e no momento em que a gente achar que tem que colocar uma questão de esclarecimento, ou pedir uma informação a gente vai mais a gente... nessa, nessa... neste testemunho que a gente chama até de oitiva.

RICARDO APGAUA: Hum.

INTERLOCUTOR: É a orientação é que a gente não interrompa, tá? E nem formule questões, que possam expressar alguma indução em relação ao seu depoimento, tá? Então, ela vai te apresentar, dizer quem é você, porque que você está aqui né? Foi aluno aqui etc, etc. E dizer quem é que tá aqui te assistindo tá?

RICARDO APGAUA: Certo.

MARIA CERES: E se a gente. Ceres Pimenta. E aí sabe assim... aí você fica a vontade a partir da apresentação que ela fizer de você e falar porque que você tá aqui, entendeu? Foi convidado pra prestar este depoimento porque, fui aluno aqui, tenho, tenho, aconteceu, uma, uma história... na sua história aconteceu algo aqui que a gente gostaria que você falasse sobre essa experiência, e falasse sobre você, a questão da, da ditadura etc, etc. É essa a, formulação.

INTERLOCUTOR: Quem é o primeiro?

MARIA CERES: Eu quero.

RICARDO APGAUA: Daqui a pouco eu vou porque vocês estão me induzindo, olha que oces estão me induzindo aí.

INTERLOCUTOR: Bom, hoje é dia 28 de junho de 2017. Nós estamos aqui no prédio Administrativo da escola Técnica Federal de Minas Gerais, são 15 horas.

MARIA CERES: E quinze.

INTERLOCUTOR: E 15min. Nós estamos aqui reunidos, a Professora Ceres Pimenta, professor Rogério Barbosa, eu, Laura Nogueira Oliveira, e Pauline, Araújo, estagiaria

da Covemg da comissão mineira da verdade, para realizar uma entrevista com o Senhor Ricardo Apgaua, que foi aluno da escola Técnica Federal de Minas Gerais, nos anos de 1961 a 1966. Dentro do trabalho de cooperação técnica existente entre a Covemg e o atual Cefet. A gente gostaria de agradecer a presença do Senhor Ricardo Apgaua, e a gentileza de vir aqui na escola conceder essa entrevista. Eu gostaria de dizer que o Ricardo ingressou na escola técnica por seleção em 1961, para cursar o antigo ginásio industrial, que ele completou em 1964. Em 1965 ele ingressou por seleção de novo no antigo colégio técnico, e veio realizar, é fazer o curso técnico em química, é curso esse que ele frequentou durante os anos de 1965 e 1966. E é por esse motivo que ele foi convidado pra estar aqui hoje pra dar, depoimento pra nós, sobre, sua vida aqui na escola, os acontecimentos, é políticos, é, envolvidos, ocorridos né? Durante esse período. Muito obrigada!

RICARDO APGAUA: Bom, em primeiro lugar eu queria agradecer essa oportunidade né? Muito pouco se fala sobre a escola técnica e sobre a nossa greve. É, por outro lado eu quero pedir desculpa porque provavelmente minha memória por mais que ela, eu note que ela é bem melhor do que a maior parte dos meus, contemporâneos, ela não é tão boa assim. De vez em quando eu posso errar. Então eu vou tentar ser o mais fiel possível. É muito importante né? Dizer porque que eu vim parar na escola técnica. Meu pai, nós estávamos conversando aqui antes, é dá, é antes da entrevista, e falávamos da questão das ciências humanas e da da técnica, e meu pai achava que uma coisa era indissociável da outra e que era muito importante que nós estudássemos, na escola técnica. Então eu e meu irmão estudamos na escola técnica. Eu fiz admissão de 1 ano, e meu irmão passou direto no primeiro ano. Tem um fato bem divertido, que é que meu nome não estava na lista, e a minha mãe protestou enormemente dizendo que eu tinha que estar na lista porque eu, era muito bom aluno etc e que e foram vê e realmente eu tinha passado tinha acaba... esquice de pôr meu nome na lista, Aí a Dona Yolanda Mourão Teixeira Nery, que era professora de português aqui, descobriu posteriormente que eu tinha passado a primeira vez que eu fiz exame aqui, e que meu nome não constou na lista então eu fiz 1 ano de admissão por causa disso. Bom, isso não, isso não influenciou em nada a minha postura rebelde depois da escola técnica, isso pra mim foi. Mas eu era colega do meu irmão, meu irmão estudou comigo. É ele fez estradas posteriormente ele fez, ele fez serralheria na época eu fiz eletrônica. Depois ele fez estradas e eu comecei a fazer o curso técnico. Bom, é durante o ginásio industrial eu tive um colega, chamado Wladimir Ungaretti

Neto e o Wladimir Ungaretti Neto era filho, de um comunista. Então nós fizemos os melhores amigos porque meu pai falava a toda hora que ele era marxista e tal, e o Wladimir, é o tempo todo se dizia, se orgulhava de ser filho de um comunista, enfim nós fizemos os melhores amigos, e o Wladimir, é acabou no segundo ano da escola técnica, é deixando o curso técnico e indo, pro Rio de Janeiro pra escola técnica nacional. Na escola técnica nacional ele encontrou um pessoal da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais. Num congresso da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais, me parece que em Fortaleza em 1962. O Wladimir dá, o meu nome, para o Alberto Cristóvão, que era então presidente da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais. E ele fala que eu seguramente teria muito interesse em trabalhar em político estudante de uma escola, e aí eu fui procurado pelo pessoal da União Mineira de Estudantes Técnicos Industriais. A pessoa encarregada de me procurar, é, as pessoas encarregadas de me procurar foram o Mateus Rubinger, que era irmão de um amigo nosso o Marcos Rubinger, e o Gorcky Alencastro, que também pertenciam a base, do partido comunista brasileiro aqui na escola. Eles me procuraram. Eu imediatamente aceitei, imediatamente fui pra uma reunião do partido no outro dia fui pra reunião da União Mineira de Estudantes Técnicos Industriais, e fui trabalhar na secretaria de imprensa e propaganda, da União Mineira de Estudantes Técnicos Industriais. É, nesse momento a gente começou, a gente trabalhou muito, é eu era bem mais novo que a turma toda nessa época eu tava no quarto ano, no oitavo ano né? Eu imagino que era oitavo ano, 1963 eu tava, não eu tava no sétimo ano, acho que eu tava no sétimo ano, quando eu comecei atuar na União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais, e no partido comunista brasileiro na base da escola técnica. É, a partir daí a gente, eu passei a ter uma, a ficar muito ativo, participando do primeiro congresso da UMET, que teve depois disso foi em Ipatinga e nós participamos desse congresso. A partir daí fomos a um congresso em Recife, e a partir daí eu me integrei muito com todo o pessoal que trabalhava no, que atuava no movimento estudantil técnico industrial no Brasil inteiro. Naquela época havia uma, talvez por interesse, do partido comunista brasileiro, havia uma diferenciação muito grande entre o movimento estudantil técnico industrial e o movimento estudantil secundarista. E a briga nossa era por dois motivos uma porque nós tínhamos, é reivindicações específicas dos estudantes técnicos industriais que era regulamentação dos, a regulamentação da profissão, do estudante técnico industrial. Por outro lado nós tínhamos, é um futuro, provavelmente nas fábricas. E o partido comunista brasileiro

considerava muito importante que a gente tivesse uma formação comunista um pouco diferenciada pra sair pras fábricas e atuar junto ao movimento operário. Então nós brigamos durante todo o momento que precedeu o golpe de 64, a gente brigou muito a nível nacional, o partido comunista naquela época era o partido mais forte que existia no movimento estudantil técnico industrial, e nós brigamos muito, para que nós fôssemos separados da UBES, e fôssemos ligados a União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais. Isso funcionou muito, até a greve na escola. A partir da greve na escola a repressão sobre movimento estudantil técnico industrial passou a ser, muito mais forte inclusive do que, era contra o movimento estudantil secundarista em geral. E nós tivemos que nós reaglutinar o movimento estudantil secundarista, junto a Ubes, a partir daí. É, no caso, é a partir é da nossa briga nacional pela regulamentação da profissão dos estudantes técnicos industriais, a gente ganhou muito prestígio nas escolas técnicas. E quando teve o golpe de 64, é, não sei exatamente porque mas nós tivemos a vantagem de nos organizarmos muito mais rapidamente que o resto do movimento secundarista. Então nós nunca ficamos desorganizados na escola técnica. Isso talvez até um pouco por causa do apoio que nós tivemos dentro da escola técnica. Quando teve o golpe de 64, nós fomos chamados, é, à sala do Professor Agnelo Correia Viana que era o diretor da escola, e, esse grupo foi um grupo grande fomos chamados, o Alberto Cristóvão que era o presidente da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais, é o Márcio Lacerda que tinha acabado, tinha acabado de, ele tinha recentemente, um ano antes ele tinha sido eleito vice-presidente da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais. O Walter Charber, que é, que tinha sido eleito presidente me parece da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais e era da ação popular, foi a primeira vez que ação popular entrou, no movimento técnico industrial assim, que conseguiu uma posição interessante assim em termos de, de alguma das uniões estaduais. O Alcione Araújo que depois morreu, há 1 ano ou 2 atrás que, era um autor de novela na Globo e Alcione Araújo estudava na escola técnica também pertencia a diretoria, da escola técnica, da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais. O Eduardo Marques, que hoje me parece deve estar aposentado na fundação Getúlio Vargas, mais, que estudou aqui depois foi estudar na escola técnica na universidade federal de Ouro Preto na escola de Minas, que era o secretário, da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais. Era um grupo grande de gente que era bem conhecida por militar, por atuar no movimento social e tal e o Agnelo Correia Viana nos chamou a todos, e falou que aquele momento era

muito grave e que não se sabia aonde ia chegar, que no momento em que você tem uma comoção social, um golpe de Estado, as coisas podem ficar muito sérias, e que num momento desse não se escolhe nem a idade, nem a escolaridade, nem coisa nenhuma, e que ele gostaria muito que nós nos poupássemos, e ele montou no fundo do corredor do 4º andar, o mesmo andar que tinha um internato, da escola técnica, separado do internato lá no fundo depois da escada tinha um quartinho e ele pediu ao padre Sérgio Palomo, que montasse um dormitório lá. E foi montado um dormitório, para que todos nós ficássemos e nós, frequentávamos as aulas no final da aula, nós meio que desaparecíamos na escola e íamos pro dormitório montado pelo Agnelo Correia Viana. Bom é o Agnelo Correia Viana depois foi secretário de educação do governo Magalhães Pinto. Quer dizer ele, ele era um homem liberal mas era um homem que, é assim, de uma postura democrática invejável, né? Ele foi também, reitor da universidade do trabalho. E por uma coincidência o filho dele, o Luiz Márcio Viana, estudava no Colégio estadual acabou, entrando pro partido comunista e foi nosso companheiro durante muitos anos. E quando houve, quando a comissão da anistia deu anistia do Sálvio Pena, eu pedi ao Paulo, como é que ele chama? Abraão, pedi ao Nilmário pra falar, porque eu achava importante fazer um depoimento. Ah! O Sálvio Penna estava também entre os que ficaram, escondidos lá, eu achava importante fazer uma homenagem ao Agnelo. Então eles não permitiram no final da... no final da audiência, eu fiz uma homenagem eu pedi pra fazer uma homenagem fiz uma homenagem, ao Agnelo Correia Viana,. É uma coisa assim que eu acho muito interessante e que deveria ser divulgado que, um papel que o Agnelo, é cumpriu nesse momento foi muito importante. A ponto de que o Dops veio a escola técnica posteriormente, e tentou prender o Marcos Mauro, que era na época não sei se presidente ou vice-presidente, eu não me lembro mais direito, do Cet que era o centro estudantil técnico industrial. E quando a polícia chegou aqui, tentou entrar, seu João, seu Jovelino comunica ao Agnelo, o Agnelo manda buscar o Marcos Mauro, na sala de aula, passar por trás, põe o Marcos Mauro dentro da sala dele e disse pra polícia que ele não tiraria o Marcos Mauro daqui. Isso criou um, um constrangimento muito grande, a polícia dizendo que tirava de qualquer jeito, ele dizendo que não tirava, e no final a polícia propõe, que ele era aluno da escola. A polícia propõe que se telefone pro pai do Marcos Mauro. E então o Agnelo telefona pro pai do Marcos Mauro, e o pai do Marcos Mauro disse que ele poderia levar, e ele fala que só levaria se o pai do Marcos Mauro viesse aqui e saísse com o filho. Ele enfrentou o Dops aqui. No meu caso eu

era menor de idade também, eu tinha 16 anos. Então o Agnelo, fez questão de falar com o meu pai, meu pai tava escondido. Meu pai era presidente Sociedade de Antropologia de Minas Gerais, junto com Marcos Rubinger, junto com uma série de antropólogos muitos deles, estudantes da faculdade de ciências econômicas muitos deles, naquele momento perseguidos e meu pai tava escondido. E eu sabia onde meu pai estava. E criou-se um problema e eu não queria telefonar da escola pro meu pai e ele falava que ele tinha que conversar com meu pai, porque eu ia ficar na escola e ele queria dizer pro meu pai que eu estava seguro na escola. E acabou que eu arranjei uma forma, de telefonar, telefonei. Ele conversou com meu pai disse que eu que ficasse tranquilo que eu estava, seguro na escola técnica que tal, que não se preocupasse comigo que eu ia ficar aqui, assistir as aulas. E todos nós, eu posso estar esquecendo o nome de alguém mais todos nós frequentamos todas as aulas, durante o período do golpe, alguma das pessoas, inclusive sendo chamadas por edital, é através do Estado de Minas, do Minas Gerais etc. Para depoimento com polícia que não foram. Então foi assim muito, foi assim um apoio bem interessante que nos deu o Agnelo. Bom, a partir daí, é saí da escola, a turma que tava no terceiro ano técnico, sai o Alberto Cristóvão, sai o Eduardo Marques, sai a turma do mais velhos. E nós os mais novos é que começamos a, a reestruturar o partido e reestruturar a Umeti, só que a Umeti estava sobre intervenção. As entidades estudantes que foram, houve uma intervenção da ID-4 em todas as entidades estudantes, que a ID-4 a, divisão de inventaria da quarta região militar e tal, correspondente a Belo Horizonte, determinou que o Sérgio Casadei Florêncio, um eminente, uma eminente figura da direita posteriormente ligada ao major Curió no Araguaia, ligada a cooperativa dos garimpeiros no Araguaia e tal então era um cara ligado, a mais alta repressão. O Sérgio Casadei Florêncio ele, é nomeado, interventor na União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais na Ubis, na Uni, na Umis, na União Colegial de Minas Gerais na UCMG, ele assume a intervenção e depois vai redistribuindo. A primeira pessoa que pegou, é a diretoria da Umeti era um menino chamado Paulinho é, figura assim de muito, pouca lembrança. Muitos anos depois eu encontrei com ele num sítio uma vez tomando uma cerveja, ele lembrou da época, mas no final... um dia nós... eu e o Valter Charber, fomos procurados pelo Wellington Moreira Diniz, que nos disse, o Wellington, a gente tinha assim muitas restrições ao Wellington, o Wellington tinha apoiado o golpe, inclusive em manifesto, pedindo golpe. Ele fez um, foi feito, foi feito. Ele era da diretoria do sete, e foi feito um manifesto com líderes diversos, de vários

setores da sociedade que apoiavam o golpe de Estado, isso antes do golpe, e o Wellington tinha assinado. Quando nós chegamos no congresso de, no congresso de Ipatinga, o Wellington é, foi feito uma crítica muito grande até por mim ao Wellington e tal e o pessoal todo muito criticou o Wellington. Quando chega nesse momento o Wellington nos procura, e o Wellington vira pra mim e pro Valter Charber e diz: “Olha, por causa daquele manifesto que eu assinei lá trás, o Sérgio Casadei me ofereceu a intervenção na Umeti. Se vocês tiverem de acordo, eu entro como interventor pra fazer um congresso daqui a 1 ano, e mantenho as portas abertas procês, se vocês, não tiverem de acordo eu não entro na Umeti.”. E foi então que nós, demos um voto de confiança para o Wellington e o Wellington virou o interventor da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais. Eu tenho que voltar um pouquinho aí porque quando, antes do golpe a gente, é, a Umeti não tinha uma sede, e tinha um professor Rios Neto, que era professor da escola técnica, que sabendo que nós éramos do movimento estudantil, ele era ligado ao PR, ele estava muito, ao partido republicano me parece, e ele tava muito interessado em criar uma juventude do partido republicano. Então ele me procurou Alberto Cristóvão, e coloca a sede do PR que ficava na rua Curitiba? Não Carijós desculpe! Na rua Carijós quase com rua da Bahia, à nossa disposição porque lá ficava vazio sempre mesmo e só em época de eleição que tinha gente dentro da sede do PR, então ele nos, no PL desculpe. PL

Partido Liberal, ele pediu, ele sugeriu que a gente usasse a sede do PL como sede da Umeti, pusemos armário lá dentro e ficamos. Nós eramos a sede, ninguém ia, ia o professor Raimundo Rios às vezes, e nós estávamos com a sede só pra nós, e ficamos. Só que nós estávamos no PL que ficava na frente do Novos Rumos, da sede do partido comunista brasileiro então, aquele entra e sai entre o PL e o partido comunista brasileiro, toda turma né? Tinha uma turma, da AP e uma turma, do partido comunista brasileiro que controlava a Umeti. É, quando, é houve a intervenção, nós fizemos uma reunião, todos, todos presentes tanto o pessoal da AP quanto o pessoal do partido comunista brasileiro, como nós iríamos agir, e nós resolvemos, que nós entregaríamos a diretoria, a ID-4, eles queriam que nós, eles queriam ir numa reunião formal. Então nós fizemos uma renúncia dos nossos cargos, renunciemos a diretoria da Umeti, todos nós renunciemos, entregamos a renúncia, e então o Sérgio Casadei ficou, com a sede do PL. Entregamos a chave disse assim ó: “Você tem que discutir essa chave aqui com o professor Raimundo Rios.” Chegamos aqui e falamos olha,. eles entenderam na Umeti, e o professor Raimundo Rios depois tirou eles de lá não

sei o quê que aconteceu. Só que o Sérgio Casadei Florêncio veio estudar na escola técnica, foi o primeiro ano que teve um curso, técnico para, pessoas mais velhas que era, funcionava a noite, e o Sérgio Casadei Florêncio, veio estudar na escola técnica, e isso ocasionou aos poucos, acabou ocasionando uma briga entre o Sérgio Casadei e o Wellington, por causa das carteiras de estudantes. O Sérgio Casadei insistindo, que nós deveríamos ter carteiras de estudantes, da União Colegial de Minas Gerais, e o Wellington insistindo que nós deveríamos ter carteiras de estudantes, da Umeti.

INTERLOCUTOR: Da Omete.

RICARDO APGAUA: E nós e a AP tínhamos muito claro porque que nós queríamos manter a Umeti separado, da UCMG. Wellington nesse momento ainda não tinha, uma consciência plena era mais a respeito da questão da regulamentação da profissão, mais aos poucos Wellington acabou se aproximando, mais da ação popular e acabou começando a militância dele junto à ação popular. Wellington realmente cumpriu a palavra dele, fez um congresso da Umeti, 1 ano depois da intervenção, e nesse congresso da Umeti foi eleito o Heleno Batista de Oliveira, presidente da Umeti Heleno era da AP, eu fui eleito o vice-presidente, e. bom e eu não me lembro mais assim com precisão, outras pessoas é, é da Umeti nesse momento. Foi quando nós transferimos a Umeti para a sede da UEE que fica ali entre... logo depois da Rio de Janeiro na rua Guajajaras é isso? Aonde tem o TSE.

MARIA CERES: Só um minutinho aqui que tá dando problema aqui.

INTERLOCUTOR: Eu tô achando que o pessoal deixou a memória dela cheia, porque carregada ela está.

RICARDO APGAUA: Gente eu falei tanto assim gente?

MARIA CERES: Não porque isso que eu... que tá me preocupando.

RICARDO APGAUA: Olha gente eu, eu sei que eu falo muito mais essa memória cheia desse jeito assim é...

MARIA CERES: É porque teoricamente as pessoas tem que entregar ela vazia né?

MARIA CERES: Teoricamente.

RICARDO APGAUA: Minha vida, eu tava vendo, outro dia é a gente tava, eu tava num, num aniversário, quando eu tava, não, quando eu tava fazendo isso aqui mais antes disso quando eu tava num aniversário de um companheiro nosso, que a Ceres deve conhecer, o Gilney um boliviano.

MARIA CERES: Muito.

RICARDO APGAUA: Ele tava fazendo um aniversário de 70 anos dele, ele falou que assim, foi um período tão curto né? Então período que tem muita importância na vida da gente, mas foi um período muito curto. Se imaginar que o período que vai de 64 a 68, são só 4 anos, e esse período de militância mais.

MARIA CERES: Aguerrida.

RICARDO APGAUA: Aguerrida, foi um período só de 2 anos, e a gente já cai na clandestinidade e aí a gente já, já começa a participar de ações armadas, já sai do Brasil pra fazer curso de guerrilha, coisa desse tipo.

MARIA CERES: Sim.

RICARDO APGAUA: É uma, vamos esperar ele chegar?

MARIA CERES: Eu só tô vendo se vai gravar, se vai pegar o som. Não, pode continuar Ricardo pode,

MARIA CERES: Pode, desculpa a falha técnica aí viu?

RICARDO APGAUA: Pois é mais isso aqui também sabe o quê que é né? É uma maneira também de fazer uma memória, de construir uma memória.

MARIA CERES: Sim.

RICARDO APGAUA: Com gente, porque acontece o seguinte escrever um livro é muito difícil, para você escrever, pra eu escrever um livro sobre o Élcio, eu tenho que fazer uma pesquisa enorme, e são 10 anos, o Mário Magalhães, demorou 10 anos, 9 anos e meio pra fazer o livro do Mariano, a biografia do Mariano, Carlos Mariano. Então é muito difícil, agora se você pega um monte de gente que conviveu com ele fazendo, não só no plano familiar, como no plano político etc, fazer uma biografia acaba sendo muito mais fácil.

MARIA CERES: Sim.

RICARDO APGAUA: É pena que a gente não, se eu tivesse pedido aqui, conversar com o pessoal antes e soubesse como é que ia sair o livro, eu ia sugerir pra todo mundo o gente esse não é um livro pra ver como é que o Élcio deveria estar pensando hoje não. Nem com a postura política que ele teria, cê entendeu? No caso de, é no caso da crise brasileira atual. Tanto é que foi o Élcio na época que ele viveu e como ele viveu. Morreu aos 22, 23 anos de idade, né? Então, é muito difícil porque as pessoas partem do princípio que ele tinha que tá pensando hoje, exatamente da mesma maneira que eles estão pensando.

INTERLOCUTOR: Certo.

RICARDO APGAUA: Hum. Eu tô esperando.

MARIA CERES: Pode continuar.

RICARDO APGAUA: Bom, então nós, ah então vocês já, tá funcionando aqui não?

MARIA CERES: Já.

RICARDO APGAUA: Bom, então nós paramos aí quando a gente é quando na, no conflito que houve na escola técnica eu, o início do conflito entre o Wellington e o Sérgio Casadei que era interventor. Na época tinham criado uma, União Nacional de Estudantes paralela a ditadura criou não deu certo, é a, é o Sérgio Casadei controlava as organizações estudantis secundaristas de Belo Horizonte, e a UCMG né? Ele nomeou interventor da Umis, o aquele, depois ele foi, o Weber Americano, que depois foi secretário de segurança pública, muitos anos depois na época do Newton Cardoso, é não me lembro na UCMG quem era a, talvez fosse o Weber na UCMG não sei quem que era na Umes. Bom, de qualquer maneira é, o Wellington então começa a, a entrar em conflito, é existe, é contado eu não vi isso mais foi contado na época um conflito sério, entre o Sérgio Casadei e Wellington em sala de aula. É, não sei se e verdade, não sei se é mentira, em que o Wellington, o Sérgio Casadei tinha, teria apontado uma arma pro Wellington e o Wellington teria apontado outra para o, eu não sei porque que não saiu tiroteio, não sei porque que prende, não prenderam o Wellington mais, mais de qualquer maneira, ele distribuindo a carteira de identidade estudantil na sala de aula, teria tido esse conflito, isso, circulou meio, assim como lenda na época e eu não sei até hoje se isso foi verdade ou não foi verdade. Bom, acabou que a Umet se reestrutura e nós então é fizemos um acordo com a união, com a, com a UEE com União Estadual de Estudantes na época primeiro, não sei se foi primeiro do, uma das épocas foi Evaldo Silva era o presidente a outra época era, o Zé Luiz Guedes o presidente. Antes do Zé Luiz Guedes eu não sei se foi Evaldo Silva, eu não sei mais durante esse período fizemos um acordo com a União Estadual de Estudantes, transferimos a sede da Umet para a sede da UEE, que eu acho que ficava na, eu acho que chama a rua Guajajaras aquela rua né que onde fica o DCE hoje?

MARIA CERES: Isso.

RICARDO APGAUA: Bom, então nós é transferimos a sede da Umet para ali ficamos ali, um bom tempo. É, quando teve a greve, da escola técnica, eu fui afastado, o pessoal ficou meio acuado, o Wellington foi suspenso alguns dias mais continuou estudando, Marcos Mauro, também foi expulso da escola técnica, e teve uma outra pessoa que foi punida eu não lembro exatamente quem foi se foi, se foi o presidente do Cet eu não sei, mais a punição principal, foi para o Marcos Mauro porque ele era o

representante do centro estudantil técnico industrial. E pra mim porque eu praticamente durante o período da greve toda, eu fui a pessoa que mais me expus na greve. Inclusive quando, é quando teve a comissão, quando foi feito a comissão de inquérito da greve, nós quatro discutimos, eu não lembro quem era o quarto, nós quatro discutimos como seriam os nossos depoimentos. Nós não podíamos, entrar é no, a nossa ideia é que nós não podíamos entrar no, na junto na comissão de inquérito, com uma posição extremamente desafiadora de, vamos dizer assim, de, de oponentes do governo nós estávamos dentro da escola e deveríamos, ter uma postura de alunos que tinha uma reivindicações, dentro da escola então nós deveríamos justificar, essa foi uma conclusão que nós tivemos, e devíamos chamar pra nós toda responsabilidade então nós chamamos pra nós quatro toda responsabilidade. Wellington estava terminando um curso me parece na época não sei exatamente, ele tava 3 meses de terminar o curso. Provavelmente, optaram por deixar o Wellington estudando. É o outro eu não me lembro quem era. O Marcos Mauro era o presidente, é foi o, o representante do Cet que mais se destacou e eu era o o cara que, da Umet que tinha feito mais hesitação aqui dentro, e que era conhecido, eu era uma figura na época conhecida como, representante do partido comunista, todo mundo sabia que eu era comunista. Então era aquela figura pública, eu tinha, eu era uma figura pública nessa questão. Quando, é no final da greve, nós trouxemos aqui dentro, aqui a gente entrava de carro até aqui dentro se quisesse né? Tinham alguns carros que entravam. Então nós pegamos é, com o Wellington, é Wellington, eu e o Crepaldi que era repórter da última hora, você deve se lembrar do Crepaldi deve saber como deve encontrar o Crepaldi mas, é importante encontrar, essa A Última Hora que noticiou da greve. Quando acabou a greve a escola foi ocupada pela polícia militar foi, totalmente ocupada, barraca da polícia militar aqui dentro, ou seja, foi ocupada dia e noite. A polícia dormia aqui dentro. Então, com a questão é dá, é da greve, a gente tinha que divulgar. Então nós entramos com o Crepaldi na escola técnica dentro com o carro fotografando a polícia. Então as fotos, que tem na última hora tiradas e postas na última hora, foram tiradas, é, pelo Wellington, por mim e pelo Crepaldi, rodando de carro aqui dentro, fotografando de dentro do carro. Isso foi muito divulgado, a greve da escola técnica foi considerado uma greve, exemplar por dois motivos uma porque se tinha muito cuidado com a questão de política dentro da escola técnica todo mundo sairia pra ir pra uma fábrica. Segundo porque não existiam greves de estudantes secundários, eu acho que, é possível até que as greves de universitários tenham sido

muito poucas até então, foram no momento em que começaram a pipocar greves uma atrás da outra, mas secundarista no Brasil não existia nenhuma greve e aí foi a primeira foi na escola técnica. Então a repressão assim exigia, do, da diretoria da escola, e nessa época o diretor já não era o Agnelo Correia Viana era o Nelson Hortman e o Néelson Hortman era a truculência em pessoa. E o Nelson Hortman era também, o nepotismo em pessoa. Então Nelson Hortman tinha contratos, é postava na época pra nós e tal nós nunca chegamos a ver esse contrato mais que, quem fornecia a comida pro restaurante da escola técnica era? Sei lá alguém ligado familiarmente ao Nelson Hortman. Quem fazia então, quando nós fizemos a greve, a maior reivindicação que tinha, era a moralização da escola técnica acabar com os, esquemas de beneficiamento dos parentes do Néelson Hortman na escola técnica, no restaurante. Apesar de que a gente não tivesse nada queixar da comida da escola técnica que a gente adorava e tal, mais foi a grande oportunidade que a gente teve. Posteriormente nesse mesmo ano, o Colégio Estadual teve uma greve também já com objetivos políticos claros, contra a ditadura, falando da guerra do Vietnã mas aqui, no início da greve a gente só falava de reivindicações da escola técnica, e cometemos um grande erro, o maior dos nossos erros foi falar que em vez de ter recurso pra ter um monte de gente limpando escola técnica de ter um monte de porteiro, ficava dez porteiro parado ali na portaria, na verdade os porteiros era os pedestres da escola técnica que ficavam controlando os problemas entre alunos, e professores. Se um aluno tinha problema na sala de aula eles que vinham, pegavam aluno, levava pra sala do professor Lúcio e tal. Bom, então a gente, isso nos irritava bastante e nós resolvemos, né? É, abrir fogo contra a contratação de um monte de pessoas que não tinham exatamente o que ver com a vida acadêmica da escola, e com isso nós conseguimos a antipatia, e a inimizade de todos os funcionários da escola técnica que passaram a apoiar o Nelson Hortman. A falta de experiência é uma coisa, que realmente né? E a partir daí houve, no finalzinho da greve foi quando nós nos demos conta, que nós estávamos com todos os funcionários da escola técnica, contra nós. Aí nós começamo a mudar o discurso e falar só contra o Nelson Hortman, e o, e nepotismo do Néelson Hortman. Mas bom, de qualquer maneira, pra poder fazer reivindicações políticas a gente tinha muito pouco espaço aqui dentro, até com os alunos. Fazer reivindicações contra a política educacional e coisa desse tipo era muito mais fácil. Bom de qualquer maneira a partir daí, é quando nós fomos expulsos da escola técnica, o Marcos Mauro e eu, é de certa maneira, é a diretoria da escola

contou, a comissão de inquérito contou com o apoio de praticamente todos os que achava que nós queriam por todos os funcionários na rua. Era, são as coisas que acontecem né? Bom, a partir daí eu já me desligo da escola técnica, continua havendo um movimento forte dentro da escola técnica, e esse momento coincide com a ruptura do partido comunista brasileiro. Em que nós passamos praticamente todo o pessoal do movimento estudantil dentro do partido comunista brasileiro considerar, que não haviam condições políticas para uma luta democrática contra a ditadura, e a gente começa a defender a luta armada. E aí a gente se distancia um pouco dessa luta política, e se engaja na luta armada inclusive vai alguns alunos da escola técnica. Então do meu grupo presos, é presos é, alunos da escola técnica teve o Délio Fantini, teve o Lúcio Nogueira, teve o Roberdário Diniz Valério, tinha um grupo, teve um grupo mais ou menos grande de alunos da escola técnica que ficavam presos, Márcio Lacerda, alunos que ficaram presos muitos anos, é porque.

MARIA CERES: Você foi transferido e foi pra onde?

RICARDO APGAUA: Bom, aí tem a história da transferência e nesse momento eu já, me dedicava muito pouco a escola né? Nesse momento eu era praticamente um militante, é 24 horas por dia. Eu me utilizava nesse momento da escola pra fazer, o trabalho de militância. Eu saio daqui e vou pro colégio Padre Lebre, o colégio Padre Lebre, ficava ali na Floresta na, eu não sei o nome daquela rua, é uma rua que liga a Contorno, a Itajubá, uma ruinha pequeninha ali ficava o colégio Padre Lebre. Eu fui estudar no Padre Lebre porquê, por uma questão, pratica, é na época nós tínhamos alguns professore, alguns militantes do partido que eram professores no Padre Lebre, dois ou três professores, e eu falava deixa eu ir pro Padre Lebre talvez eu recupere meu ano que já estava mais ou menos perdido, e eu vou estudar no Padre Lebre, e mais ou menos, e aí foi quando eu realmente me transformei num militante profissional porque, a primeira coisa que aconteceu foi que o, o colégio Padre Lebre, o diretor do Padre Lebre e proprietário do Padre Lebre, era o professor Francisco Dornas. É interessante porque eu falo de pessoas aqui que muita gente vai ficar muito espantado, com essas pessoas o Agnelo é um deles né? O Roberto Dorna me chama, no escritório dele lá na diretoria do colégio Padre Lebre, e eu já foi cabreiro né? Bom agora, já tá sabendo que eu sai da escola técnica entrei aqui e tal, e aí o Roberto Dornas me chama fala aqui assim: "Ricardo, eu tô te chamando aqui pelo seguinte, eu sei que você foi transferido, foi expulso da escola técnica por causa da greve lá, sei da sua situação todinha, e eu queria te dizer o seguinte. Eu gostaria muito de poder

colaborar com vocês, então eu queria que todos os meses no dia primeiro cê viesse eu tenho uma contribuição pra dar pra vocês, em dinheiro.” E a partir desse mês eu, ele passou a dar dinheiro todos os meses, que eu passava, repassava integralmente inicialmente, é ele passava pro partido depois passava pra corrente. E o mais gozado é que um dia foi preso um aluno do Padre Lebret, e aí ele me chama, ele fala assim: “Cê viu que o fulano de tal foi preso?” Falei vi eu vi no jornal e tal ele tava, ele tinha uma gráfica, pegava muito material subversivo na gráfica dele e tal então. Ele falou assim “Pois é e quem que é o advogado dele?” Falei ah não sei. Não tenho a menor ideia, nem conheço ele. “Como assim você não sabe? Aqui não tem nem que conhecer e saber não, eu dou dinheiro é pra essas coisas. Pode contratar, pode pôr um advogado pra cuidar dele.” Roberto Dornas depois, foi presidente da associação de escolas particulares de Minas Gerais, mas foi uma pessoa assim fenomenal em termos de apoio a gente naquela época, e assim uma pessoa por quem eu tenho uma admiração tremenda. É, quando eu cheguei no Brasil depois da anistia, chego na assembleia num ato qualquer, numa situação qualquer e ele estava saindo no gabinete do deputado, e aí eu abracei ele lembrei a ele quem eu era e tal e ele ficou muito emocionado e tudo, mais realmente foi uma ajuda grande. E a partir daí eu passo a ter uma militância praticamente 24 horas por dia, a partir daí, a gente tinha com a situação, que eu conto aqui na, no artigo que eu escrevi aqui no livro do Élcio, que era, a gente ter que, a gente tava muito bem organizado em Belo Horizonte, mas praticamente não havia organização política no interior do Estado. Aí eu começo a ir nos congressos da UCMG e começo a, a localizar as pessoas que eram, assim, que tinha uma tendência de esquerda com que estabeleciam algum tipo de relação de simpatia com a gente nos congressos e tal, e aí eu começo a, estabelecer uma amizadezinha pequena no congresso e depois ir pra cidade do interior visitar a pessoa, em geral, se fosse homem ia desconfiar que você era homossexual então a gente, a gente procurava as moças falava não é porque eu lembrei do congresso e tal, e aí na conversa aí e tal perguntava ai tem, cê conhece algum comunista aqui dentro da cidade? E assim nós recontatamos Uberaba, Uberlândia, Montes Claros, e eu fui contatando as cidades do interior. Juiz de Fora, nós fomos contatando, o que havia restado de estrutura do partido, em cidade do interior de Minas, e aí nós começamos a montar, base estudantis e começamos a nos organizar no interior de Minas até então nós estávamos só em Belo Horizonte. E aí nós passamos a ter uma organização bastante forte, em Juiz de Fora, em Ouro Preto, em Montes Claros, em Divinópolis.

Então nós passamos a ter, uma organização assim praticamente ao pessoal que depois foi caindo, um atrás do outro quando caiu o pessoal todo da corrente. E isso foi até mais ou menos 1968. Quando a gente rompe, quando um partido comunista expulsa a gente, porque nós, teve o 6º congresso do partido, nós defendíamos a luta armada. Não estávamos dispostos a cumprir a diretriz do partido de unir essa frente democrática, anti-ditadura, pacífica e tal, é o partido nos expulsa, expulsa, todos os setores estudantis e operários de Belo Horizonte porque, a gente começa a se fortalecer muito na Cidade Industrial em Contagem. E aí nós, até peguei do livro do Élcio, o Élcio é transferido da escola técnica de Ouro Preto para Contagem, é o caso do Élcio é um caso fenomenal porque nessa história de procurar, as pessoas, eu vou a Ouro Preto e procuro o Eduardo Marques, quer dizer, tentando achar e encontro por acaso, num festival de inverno no meio da rua, por um acaso, e aí o Eduardo Marques me abraça e tal e fala aqui assim, que vem uma, vem dois, duas pessoas caminhando, e ele fala: “Ah! Está aqui uma pessoa que você gostaria de conhecer.” E me apresenta o Élcio. E nessa história a gente começa a conversar, e eu descubro que não existia, uma, um vínculo do partido comunista em Ouro Preto. Eu descubro que o Élcio tinha montado um partido comunista em Ouro Preto e estava lá, esperando que chagasse alguma diretiva de algum lugar, e aí a gente consegue estabelecer contato. Uma semana depois a gente, tava em contato com eles volta a direção do partido vai lá, duas semanas depois o Mário Alves vai em Ouro Preto. Era a mais bem montada estrutura do partido, eu imagino que no Brasil. Controlava o centro acadêmico em Ouro Preto, controlava o centro estudantil da escola técnica, é, tinha o, controlava o jornal O Martelo, da escola de Minas. Era fenomenal. Era um grupo imenso entre os quais tava o César Maia, tava o, como é que chama? O Lincoln Viana, o Pedro Garcia, é tinha. Assim, as pessoas mais ativas no movimento estudantil em Ouro Preto eram ligados ao Élcio, e aí o Élcio, ele desponta como o cara que conseguiu manter um partido numa cidade sem orientação de ninguém, sem estrutura de ninguém e tal, e ele acaba sendo trazido pra Belo Horizonte pra montar, o partido comunista em Contagem. E pouco depois logo a nossa ideia não era montar um partido comunista, era montar a dissidência do partido em Contagem. E aí o Élcio passa a desenvolver um imenso trabalho. Faz um jornal que se chama primeiro de maio, a Polop faz um jornal que chamava O Piquete, que você deve, conhecer que era feito pela Oro, Orosinda por um lado, pelo Nilmar e pelo outro. A Orosinda e o Élcio passam a trabalhar junto de maneira que o Élcio passa a participar dá, da editoração do piquete,

a Orosinda passa a participar da editoração de primeiro de maio, e as panfletagens passam a ser constantes, na Cidade Industrial, é a gente passa a ter uma influência muito grande na Cidade Industrial, o Élcio começa a alfabetizar a gente na cidade Industrial. Se tinha um grande número de operários nessa época na Cidade Industrial que eram analfabetos. O Élcio começa alfabetizar essas pessoas e dar mãe do Gorcky, nem a mãe do Gorcky pro pessoal e à medida que eles iam aprendendo a ler entregava o livro, menino, pros meninos aprender a ler. E assim o Élcio faz um, um belíssimo trabalho fica, vira um cara popular em Contagem. O Élcio era filho de um, farmacêutico a família tinha uma fábrica de remédios, farmácia em Ouro Preto e tal. Era uma pessoa fenomenal um cara assim, tem aquelas características de literato que você gosta, né? Então, era um cara assim que, né? A gente saiu pelas ruas de Ouro Preto ele recitando, é Manoel Bandeira e tal ele, era um cara fenomenal. E o Élcio então, começa a trabalhar na Cidade Industrial começa a organizar, estabelece um grupo em torno da Ima, Maria, da Imaculada Conceição de Oliveira, é Imaculada, são quatro irmãos, é Imaculada Conceição de Oliveira, a Efigênia, o Tonhão que morreu, há uns 3 anos atrás mais ou menos, e o Eustáquio parece morreu, há 2 meses atrás eu tava fora do Brasil, o Eustáquio morreu, então é só tem agora as duas irmãs, e eles eram pessoas também muitos, conhecidas, a Imaculada Conceição de Oliveira era assim se fala secretária do sindicato, o sindicato era dirigido por, pelo cê deve conhecer que era da AP como é que chama? Era o Antônio Seabra.

MARIA CERES: Énio.

RICARDO APGAUA: Ahn? Énio Seabra.

MARIA CERES: Énio.

RICARDO APGAUA: Pelo Énio Seabra, e esse trabalho em Contagem acaba a gente forçando a barra e, é feito uma, é começa a primeira greve em Contagem. Você sabe como é que começou a primeira guerra?

MARIA CERES: Não, não sei.

RICARDO APGAUA: Claret dispara. Claret o Claret dispara o, o alarme de incêndio da RCA Victor.

MARIA CERES: Nossa!

RICARDO APGAUA: A partir daí,

MARIA CERES: Antônio Claret?

RICARDO APGAUA: Antônio Claret, e a parti, ele trabalhava RCA Victor. Trabalhava na RCA Victor também nessa época Maria Angélica do Amaral estudante da escola

técnica do curso de designer, depois foi procurada foi da LN, e que tem uma história muito mal contada, é posteriormente parece que ela foi presa e ao ser presa, passou a ser uma, uma, tudo indica que ela tenha passado assim uma colaboradora contumaz da ditadura e tal depois disso mas, até então tudo indica que ela não era e, e ela então ela ajuda o Claret e aí depois a Mannesmann também dispara um alarme na Mannesmann e isso alastras pela Cidade Industrial, e a gente que imaginava que a greve ia ser uma, uma greve relativamente reduzida, a primeira greve operaria no Brasil depois do golpe, a greve generalizou na Cidade Industrial, e foi a maior greve que nós já tivemos em Belo Horizonte imagino eu. Toda a Cidade Industrial parou. E isso foi muito importante porque eu, um dos pilares básicos dá, do projeto econômico da ditadura era o arrocho salarial. E aí o Jarbas Passarinho que era ministro do trabalho vem pessoalmente a Belo Horizonte, vai pessoalmente na assembleia dos metalúrgicos, e existe um debate com o Jarbas Passarinho na assembleia dos metalúrgicos. E nesse debate existe uma discussão entre o Élcio e o Jarbas Passarinho. E o Élcio não era nem operário ele era realmente um político que tava ali na Cidade Industrial mais, ele passa, ele tem uma discussão. Há quem conte essa história, a quem diga que essa história, é uma lenda mais quem disse que teve esse debate com o Jarbas Passarinho pra mim foi o próprio Élcio. Então de qualquer maneira foi, isso, é seguido por uma greve em Osasco em São Paulo outra greve aqui em Belo Horizonte já menor do que a primeira mas, é a primeira, é a primeira advertência pra ditadura que a política, a política sindical que a, que a ditadura, tava levando pra frente não ia levar a lugar nenhum e que a gente conseguia romper com ela. É uma pena, que nós fossemos tão jovens nesse momento e que nós não tivéssemos, não tenhamos tido, uma visão exata do que seria se a gente continuasse, trabalhando junto ao movimento operário, trabalhando junto a movimento social, e a gente nesse momento, com Che Guevara na Bolívia, com Regis Debreia escrevendo sobre o foco, a gente acaba achando que a gente ia fazer uma revolução cubana no Brasil, e se dedica totalmente à luta armada e vai perdendo os laços que a gente tinha até então com o movimento social. A gente vê aqui na escola técnica aonde a gente tinha uma influência grande e tal, praticamente todos os nossos militantes saíram daqui para a luta armada. Na escola técnica de Ouro Preto aconteceu a mesma coisa, então nesse momento, é a gente rompe totalmente com, com esse trabalho no movimento social e passa a trabalhar totalmente em torno, de disparar as ações armadas, contra a ditadura. Partir daí a gente o, a gente é expulso, coincide esse

momento com a expulsão nossa, do PCB, dos líderes da corrente. E aí nós, assumimos a, posição de corrente revolucionário de Minas Gerais, como nome, como partido e tudo e aí a gente começa a, a gente inicia ações armadas, uhum. É, foi um processo muito curto, é a gente tava começando as ações armadas, é a gente entra em contato com Carlos Marighella, Carlos Marighella tava desenvolvendo ações armadas em São Paulo e algumas no Rio de Janeiro, e a turma do Rio de Janeiro, era liderada por estudante técnico industrial, ou seja, a turma do Rio de Janeiro era, o Yuri Xavier Pereira, irmão da Lara Xavier Pereira, que era da Escola Técnica Nacional, era, aquele menino o Jarbas, o Domingos não, Domingos.

MARIA CERES: Jarbas?

RICARDO APGAUA: Domingos Fernandes, Domingos Fernandes do partido, que é hoje do partido verde. Domingos Fernandes na Escola Técnica Nacional, é o Benjamim de Oliveira Torres, o Sebrão, era uma turma grande. A turma, da Escola Técnica Nacional todinha, engaja na luta armada também, e acaba, também a Umet praticamente acaba, no Rio de Janeiro com todo mundo engajado na luta armada. Então praticamente os estudantes técnicos industriais, fizeram, tiveram assim um papel muito importante pelo menos no que diz respeito a LN, no Rio e em Minas. É, nós é, a partir daí é eu não sabia, eu, nesse momento a gente tinha muito contato com Yuri tinha muito contato com a turma da Escola Técnica Nacional, mais eu não sabia que eles estavam engajados em qualquer projeto de luta armada, até meio que me, é que evitava esse contato porque, como ele era filho de antigos comunistas de, de pessoas muito ligadas ao comitê central eu imaginava que eles tivessem obrigado ao partido, o comitê central, partido comunista. E aí eu saio de Belo Horizonte vou pra São Paulo inicialmente junto com o Antônio Carlos Bicalho de Lana, e depois nós vamos pra Cuba, pra fazer um treinamento de guerrilha e quando nós chegamos em Cuba encontramos nossos companheiros de escola técnica no grupo, que tava treinando guerrilha em, da Escola Técnica Nacional. Então é, realmente eu acho que as, que, que as escolas técnicas deram contribuição, bem legal pra questão da luta armada no Brasil não sei se foi, o mais sensato da nossa parte, mas nós éramos muitos jovens nós tínhamos, em 1968 eu tinha 20 anos, né? É, quando a gente começa esse processo de ruptura com partido comunista brasileiro eu tinha 18 anos de idade, né? Tinha idade que, praticamente que a Beatriz tem hoje né? Então é, esse processo, nos leva, a medida que eu chego em Cuba, eu chego em Cuba dezembro, em janeiro me parece, cai, a corrente. Existem muitas histórias contadas de como caiu a corrente, de

como caiu o pessoal da colina, em Belo Horizonte. Eu não acredito em nenhuma dessa história, história de que, alguém viu alguém andando na rua, seguiu, chegou viu aonde é que tava a casa. Eu tenho a mais absoluta convicção de que nós estávamos totalmente infiltrados naquele momento. A esquerda brasileira tem uma característica muito especial. Nós não gostamos, de derrotas e nós não queremos ouvir que nós éramos ingênuos. Então ninguém quer levantar e descobrir onde estão as infiltrações porque elas estão aí até hoje, teria sido o exército brasileiro o único exército no mundo que não tinha um serviço de inteligência capaz de infiltrar a organização estudantil. É tão simples, infiltrar uma organização estudantil gente, é tão simples chegar e, e colocar um cara simpático é que, que vai ter muito mais coragem do que todo mundo porque ele tá muito mais respaldado pra fazer qualquer loucura, de que qualquer outro, botar fogo em bandeira dos Estados Unidos, subir em carro no meio da Praça Sete, fazer e acontecer. No entanto nós sempre tivemos a ideia falsa de que cada vez que alguém colaborava muito com a polícia a gente tinha ideia falsa de que, ele passou pra polícia naquele dia, levou uns tapas e passou pra polícia, na verdade a polícia seguramente foi capaz, de montar uma tremenda estrutura de infiltração, e quando a polícia torturava, batia, obtia confissões, no meu modo de entender, é ela fazia isso mais pra desmoralizar o grupo, do que efetivamente porque eles precisavam de informação sobre o grupo. Eles tinham essas informações, é muito estranho. É eu tava lendo ontem porquê, pra eu vim aqui hoje eu resolvi ler o processo da corrente, na 4ª Região Militar, e quando eu tava lendo um processo da corrente, todas as acusações feitas são assim, fulano de tal disse que ele era tesoureiro da Umet. Fulano de tal, é acus, o acusou de, todas acusações são feitas por companheiros idôneos, sabe? Aqueles que você tem o máximo de confiança que estão presos, eles são, era muito fácil eles sabiam quase tudo, era muito fácil por um lado de obter, a informação sobre o que eles sabem no caso assim meu amigo, eu já sei, que quem fazia isso era o Ricardo Apgaua, só quero que você confirme, aí o cara falou: "Ainda vou apagar." Eu sei que ele fazia, eles tão sabendo o cara dava detalhe, eu vou pagar por causa disso? Mais ainda, não ele entregava, entregava assim concordava com o que o policial tava fazendo nessa hora, era prestar um depoimento na frente dele, e na hora que ia pra, pra para a justiça militar, a acusação era feita assim. Todos os, acusação contra Ricardo Apgaua. Então todos os depoimentos de todos os companheiros meus que eu tinha mais confiança, o quê que eles me acusam, acusam de ter organizado tal coisa, acusam de ter comprado tal coisa, acusam de ter feito tais contatos e tal, aí cê

olha, o dia que eu fosse preso eventualmente eu e essa tremendo bando de cretino, de traidores e tal.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Então, desmoralizar os grupos sempre foi uma técnica, que a repressão sempre utilizou, no mundo. E não deixou de ser assim no Brasil. Então tem uma convicção muito grande, o Brasil, é dos poucos países do mundo que não fez uma comissão da verdade de verdade porque parece que tem muita gente interessada que não ande uma comissão de verdade. Tem uma coisa que eu considero Ceres que eu não sei porque que não foi feito até hoje. Tem como descobrir cada infiltrado que tinha na esquerda brasileira, existe um prêmio do exército que é a medalha do pacificador. Cada um dos homens que foi infiltrado no Araguaia ganhou uma medalha do pacificador. Cada um dos homens que foi infiltrado em qualquer lugar ganhou uma medalha do pacificador, e isso eu não tô dizendo por quê, foi uma coisa que me deu uma luz na cabeça, quando eu tava lendo aquele livro que se chama Sem Vestígios, escrito por uma jornalista chamada Thais Moraes, muito criticado por todo mundo. Eu não sou muito moralista pra ler livros, e teve um período que eu não lia livro nenhum a respeito da repressão, e não lia porque isso me causava muito mal-estar, porque se eu vi, via coisas de descrição de assassinato do Élcio, via descrição de assassinato de pessoas, é coisas que doíam muito, eram pessoas que era muito ligadas e muitos amigas mas a partir do momento que eu comecei ler algumas coisas que eram mais genéricas, eu comecei a ler tudo que se escrevia, e a Thais Moraes ela dá um detalhe que é o seguinte. Ela é filha de militares, ela não toma partido. Ela fez uma acusação ao Zé Dirceu que depois ela retirou, de que ele teria entregado, entregado o Jeová, o que causou uma imensa antipatia, em todo mundo que tava ligado ao participação. Eu era amigo do Zé Dirceu, fui amigo do Zé Dirceu, quando ele era presidente da OE de São Paulo, fui amigo do Zé Dirceu em Cuba, nós nos encontrávamos em Cuba com muita frequência. É, e eu não fiquei ofendido por causa disso. Eu realmente eu quero, eu sou daquela sua teoria que a gente precisa de documentação, então nós temos que, enquanto não documentar eu não tô, mas eu acho muito importante que se documente. Então o quê que acontece a Thais Moraes, ela é filha de militar, e foi, chegou as mãos dela, teria chegado as mãos dela um, diário, de um militar no Rio de Janeiro, cujo nome ela não cita, ela alega o tempo todo ela chama de carioca que era o apelido que ele tinha no exército, um cara que foi do exército, era sargento do exército, foi infiltrado no Araguaia, foi julgado no Araguaia como um técnico da Sucan,

e como técnico da Sucan, ele começa a se aproximar nas áreas das áreas guerrilheiras, e aí ele vende bala, vende arma, vende coisas, que acabam chegando aos guerrilheiros ele acaba conseguindo uma, e era um tremendo torturador, era um tremendo bandido. E ela então coloca que todo esse pessoal do exército como o carioca, ficou muito indignado com anistia, porque, os generais continuaram no exército, continuaram os generais os coronéis continuaram os coronéis, e a turma, do piso do exército, ganhou muito obrigado uma medalha do pacificador e foi, e mandaram eles parar com tudo que eles faziam, em alguns casos os que eram mais rebeldes e que quiseram, fazer qualquer coisa contra e julgaram eles pra fazer, perseguição a droga em favelas no Rio de Janeiro e esse carioca por exemplo é um cara que morreu numa favela do Rio de Janeiro com uma machadada na cabeça segundo a, a Thais. Então, é existe né? O instrumento a medalha do pacificador.

MARIA CERES: Você foi, você chegou a ser preso quando você foi embora pro

RICARDO APGAUA: Não, eu não fui preso.

MARIA CERES: Brasil?

RICARDO APGAUA: Eu sai do aí eu sai de Belo Horizonte e pra ir pra São Paulo, e de São Paulo eu saio pra Cuba e vou pra Cuba.

MARIA CERES: Pro treinamento de guerrilha?

RICARDO APGAUA: Pro treinamento de guerrilha. Terminado o treinamento de guerrilha eu vou pro Chile, quando eu cheguei no Chile, e venho pro Brasil, quando eu chego no Uruguai, voltando pro Brasil, é estávamos a Darcy Miaki, o Sérgio Granja e eu no Uruguai, e o Sérgio Granja começa a observar, todo curso nosso em Cuba foi, nós tivemos duas, é tivemos dois cursos muito específicos em Cuba. Depois até eu gostaria de falar de que, como é que os cubanos viam o nosso curso e como é que a gente via o nosso curso. Primeiro curso que cê fazia em Cuba não era um curso de guerrilha, era o que eles chamavam de curso de guerrilha urbana mais no fundo, no fundo eles estavam treinando gente, pra ser meio, um grupo de apoio a Cuba, Cuba estava sendo extremamente sabotado na América do Sul todinha, e você tinha, ações de sabotagem a Cuba todo dia e não treinaram os guerrilheiros dos países Latinos Americanos que não apoiavam o Cuba, é uma coisa assim que de certa maneira é muito interessante, tinha uma turma muito simpática a Cuba na América Latina, e que tava fazendo luta armada então Ciba treinava. Os países que tinham relação com Cuba não eram treinados por exemplo os mexicanos não eram treinados em Cuba, espanhóis não eram treinados em Cuba, porque Espanha mantinha, relações

diplomáticas com Cuba, mantinha relações comerciais inclusive desafiando, os Estados Unidos né? E a mesma coisa com México. Então é a gente tinha primeiro um curso, de que eles chamavam curso de guerrilha urbana que você aprendia atuar nas cidades, e que eram aqueles cursos específicos assim quase que de espionagem, você aprendia, descobrisse se tá sendo seguido não tá sendo seguido etc e tal. E aí, a gente chega no Uruguai, chegando no Uruguai da Argentina o Sérgio começa a dizer: “Tá vendo aquele cara ali? Aquele cara, ontem de tarde na Argentina em tal lugar, tava próximo a gente, tá vendo aquele ali?” E ele foi falando isso e a gente não reconhecia as pessoas nós não ficamos, a partir daí começamos a ficar atento, mas não conseguimos identificar eles tavam trocando muito de gente, e a partir daí, o é o Sérgio um belo dia, vira pra mim e fala assim: “Nós estamos sendo seguidos, vou te provar.” Pegou, ele chega numa banca de revista compramos um bloquinho pequenininho assim uma caneta, ele pegou o bloquinho, anotou escreveu sei lá uma conta qualquer, 25+32 e tal, passou em baixo fez lá me entregou, é eu olhei devolvi pra ele, ele a, embolo jogou numa lata de lixo, nós caminhamos um quarteirão mais ou menos, e começamos a discutir como se a gente tivesse discutido, rodando, a lata de lixo que tava no chão tinha quatro cara em cima da lata de lixo recolhendo o lixo todo, recolheram todo aquele lixo, aí eu me convenci. Aí nós tínhamos um encontro no mesmo dia com a Darcy Miaki, Darcy Miaki, é tinha, no dia anterior a gente tinha comentado que tinha sido seguido e tal mais ela tava dizendo que o Sérgio tava em pânico, tinha falado que o, Sérgio tava em pânico que não era possível e tal, que era um absurdo ele pensar daquela maneira, aí a gente conta o caso pra Darcy Miaki falamos assim: “Gozando ontem alguém, me, uma mulher me parou na rua, uma japonesa ela é, ela tem toda aparência japonesa, falando que era jornalista japonesa e que tava querendo tentando, conseguir uma entrevista com (trecho incompreensível) e eu achei um negócio muito esquisito.”

MARIA CERES: Isso era que ano?

RICARDO APGAUA: Isso foi no ano de 1968, 71 me parece, 71,

MARIA CERES: 71?

RICARDO APGAUA: Eu tenho que ver depois,

MARIA CERES: Não tudo bem!

RICARDO APGAUA: A gente vê certinho exatamente a data mais, 1969, 68 cheguei em Cuba 60, 72 início de 72 janeiro, dezembro janeiro, janeiro de 72 dezembro de, de 71. Bom, mais era janeiro de 72. Aí a gente é, a gente fica, não, eu tenho que vê essa

data direito porque ela não coincide lá na frente. Bom, aí a gente fica em dúvida e fala assim bom, então nesse caso estamos sendo seguidos, então vamos, como é que nós vamos fazer, eu e o Sérgio já, nós tavamos trazendo uma série de cartas de Cuba pro Brasil as minhas tavam dentro de um cinto, descosturei o cinto, pus as cartas no meio do cinto então eram cartas pequeninhas bem pequenas e tal, trazendo as cartas, e ele tava trazendo não sei aonde é que ele escondeu a dele cada um escondia as suas onde achava melhor, minha tava no meu cinto. Então a gente volta pro hotel nesse dia, muito tranquilamente como se nada tivesse acontecendo, corto o cinto, joga tudo no vaso sanitário não leio as cartas joga tudo joga fora, e no outro dia a gente sai normalmente só que saímos encontramos com a Darcy Miaki falamos com ela: “Temos que fazer um teatro aqui enquanto ele não resolve o quê que faz.” E aí a gente resolve fazer turismo no Uruguai, contratamos um táxi, vão ver os lugares atrati, atraentes e tal de Montevideú lugar de turista e rodamos praticamente o dia inteiro com chofer de táxi, mostrando pra gente onde é que tinha, é statu do Martin Ferro e tal até que nós dis.., definimos o quê que nós íamos fazer, nós entraríamos, já era 06h00min da tarde mais ou menos, no outro dia a gente entraria na embaixada do Chile, nós resolvemos, nos, é nós resolvemos, é dormir mais uma noite, e no outro dia caminhar até a embaixada do Chile a hora que chegasse na embaixada do Chile, dentro do hotel a gente olharia o endereço, quando chegasse na embaixada do Chile, a gente entraria. Quando a gente chega na embaixada do Chile caminhando, tem um portão com cadeado, fechado, e agora o quê que nós fazemos? E nós resolvemos ir seguir caminhando, e passamos na frente do Partido Democrata Cristão, do Uruguai, Partido Democrata Cristão do Uruguai fazia parte do (trecho incompreensível), do Uruguai, e a gente resolve, dar uma cartada. Entramos no partido social de, no Partido Democrata Cristão uruguaio, e falamos que queríamos falar com a secretaria internacional do partido, e ficamos lá, apareceu uma mulher, e um cara chamado Pablo, nós falamos que nós somos estudantes brasileiros, (trecho incompreensível) pela ditadura, tamos fugindo do Brasil, descobrimos que nós tamos sendo seguido no Uruguai, e nós gostaríamos, que vocês nos desse um apoio, arranjasse um jornalista pra nos levar até o aeroporto, nós compramos uma passagem, vamos esconder de algum jeito ficamos aqui dentro do partido, até comprar uma passagem, e ocês arranja um jornalista que nos leve, até o aeroporto que nos acompanhe de perto, de longe qualquer jeito aeroporto se a gente for preso, isso seja noticiado. E aí, eles ficaram sensibilizados, nós deixaram dentro do partido democrata questão por uns 5, 6 dias,

ficamos lá dentro, puseram uma turma tomando conta da gente lá dentro, uma turma de guarda, o Juan Pablo Terra que era o presidente do partido social democrática era sena, do Partido Democrata Cristão, era senador, e foi candidato a presidência da república nos, veio conversar conosco, e aí eles montaram, foi no dia 06 de janeiro porque a gente, eu lembro que nós tavamos saindo pro aeroporto, quer dizer, tinha acontecido dia 01 de janeiro aquele negócio todo e tal mais ou menos. No dia 06 de janeiro eles nos puseram no hotel, no Uruguai os presentes de natal são dados no dia 06 de janeiro porque é o dia que os reis magos deram presente de natal, e os democratas cristãos bons cristãos, trouxeram presente de natal pra nós, nos puseram no hotel, de gente do Partido Democrata Cristão, compraram a passagem de, avião de volta pro Chile, quer dizer, eles não sabiam que tinha, que nós tamos fugindo do Brasil entramos no chile. Compraram passagem de avião pro Chile, é e o Runa Pablo Terra foi separado da gente mais ele que era senador, era presidente do Partido, é Democrata Cristão, teve o tempo todo mais ou menos próximo a nós chamando as atenções a gente entrevistando e tal, e ele caminhando, conversando até que nós entramos no aeroporto o pessoal do Partido Democrata Cristão, com a gente, nos levaram até o avião, e nós, voltamos pro Chile. Quando chegamos no Chile, existia um problema sério (trecho incompreensível), se você tem, uma ordem de a cumprir cê compre, cê não discuti e nem imagina que está sendo seguido. E aí, o Sérgio Granja e eu somos punidos e temos que ficar um período no Chile, e nós ficamos até o, ficamos até dezembro quando nós voltamos pro Brasil, depois. Aí nós voltamos pro Brasil em dezembro, do ano seguinte, quer dizer, eu em dezembro, não, então é isso 72, 72 é eu chego no Brasil em dezembro e fico até, setembro de 72 no Brasil então tudo aquilo que, tudo que eu contei aconteceu em 1971, né? Então em 72 eu tô no Brasil, eu fico de janeiro a setembro no Brasil. Em setembro, a, mais aí nós já voltamos pro Brasil tanto o Sérgio Granja quanto eu, voltamos tentando convencer, a turma da luta armada a deixar a luta armada e acabar com essa história que, um exército dentro de um Volkswagen não conseguia fazer nada nós era cada vez mais reduzidos, os grupos eram cada vez mais reduzidos eram muito pouca gente, numa luta em glória que não ia levar a lugar nenhum, e a gente pregava retornar, ao movimento social. Então nesse período, a gente já não participa mais nenhuma ação armada, a gente tenta convencer os companheiros com quem a gente teve contato, o pessoal da ALN não foi aos nossos pontos, a gente chega no Brasil e eles não foram aos pontos, e eu até tem um depoimento que eu faço, né? Eu falo que eu fiquei muito satisfeito porque se tivessem

indo porque eu taria morto hoje, se eles tivessem ido nos encontros comigo, e no último encontro que eu tinha com eles eu não fui, eu tinha uma regra minha, se eu tinha cinco encontros ao quinto eu não iria, se eu tinha quatro ao quarto eu não iria, se eu tinha, uma, um último encontro eu não iria porque aí já, o cara já tinha faltado encontro demais e pessoa já tinha faltado encontro demais, pra eu ir no último encontro então eu não iria então só não fui ao último encontro que eu tinha com ALN. Nunca, quando eu falo que nunca foram ao meu encontro não aparece ninguém que diga que foram ao meu encontro, nem a lara fala que eles foram ao meu encontro, eu não sei porque que eles resolveram não ir aos meus encontros ou se, sei lá, eu sei que eles não foram. E eu fico até setembro, mas eu passo a ter contatos com grupo de padre operários que tem em Santos, vou pra Santos, em Santos eu estabeleço, relação com alguns com o professor de química, é que era o, era sobrinho do Rolando Fratti que foi trocado pelo, embaixador norte-americano foi um dos quinze trocados pelo embaixador americano, eu procuro um sobrinho dele, eu procuro uma filha, do Argonauta Pacheco em São Paulo, e acaba que eu encontro um grupo em São Paulo de padres operários, e eu me ligo a esses padres operários em, em Santos, e começo a trabalhar um grupo de estudantes, e um grupo de professores, mais cada vez que alguém descobria que eu pertencia, ao grupo da luta armada que eu era uma pessoa conhecida (trecho incompreensível), volta e meia aparecia retrato meu em cartazes, volta e meia aparecia, retrato meu em, em um cruzeiro e coisa desse estilo, quando o pessoal descobriu, rompia contato comigo eu não tinha menor chance, de ter um contrato constante. Quando eu perdi o contato com o pessoal do Chile, é o pessoal não veio ao meu encontro o pessoal que tinha que vir, e eu perdi o contato com os padres, os padres passaram a não vir mais aos nossos, contatos e tudo, o único contato que me restava era do sobrinho do Fratti, eu acabei, entregando a ele a arma que eu usava que era pra, se eventualmente eu fosse preso, entrego pra ele a minha pequena biblioteca que eu tinha feito nesse período (trecho incompreensível) de Santos e São Paulo, e vou embora pro Chile, e a partir daí em setembro, em outubro chego no Chile em outubro de, de 1972, né? Perai é, outubro 1972, e aí eu já não volto mais pro Brasil, aí eu já decidi que, eu já, defendia a ideia, de que a gente tinha que montar uma estrutura melhor no Brasil com pessoas, confiáveis, pra poder, eu, eu voltei pro Brasil com intuito de, montar uma estrutura, para trazer o Ricardo Zaratini, pro Brasil, é o Ricardo Zaratini é muito estranho porque como eu não comungo muito com as ideias do Ricardo Zaratini hoje, ele ao escrever o livro dele, ele omite a

existência do, Sérgio Granja, omite a minha existência, no estudo de história no Brasil ele, ele é, não é, ele não é ligado ideologicamente ele é ligado, institucionalmente cê entendeu?

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Institucional vínculo, do estudo de história no Brasil. Então ele escreve aquele, paixão de um revolucionário que quem escreve é o, é o Zé Luiz, é o Zé Luiz da (trecho incompreensível), que também é um companheiro antigo da ALN amigo e tudo, ele que escreveu o livro nesse livro ele não conta essa parte da história, mas eu volto pro Brasil meio mon, em contato com Zaratini tentando montar, a volta do Fratti e do Zaratini pro Brasil, que eram pessoas mais experientes, e que tinham muita experiência de trabalhar no movimento social, o Zaratini no nordeste, e o, e o Fratti no movimento sindical em Santos, de, um movimento sindical de chibadores e tal em Santos. Então a nossa inicialmente era essa. Bom, quando eu saio do Brasil para o Chile eu tinha muito pouco dinheiro e eu chego, a Mendoza no Chile, e não tem, como por terra chegar ao Chile, por motivo de, tempestade de neve na cordilheira os túneis estão fechados, passar por cima lá da cordilheira não dá pra passar, e eu começo a ficar, e eu fico no hotel, parado, no Chile, até ver o que vai acontecer, e eu vejo que meu dinheiro não vai dar, comunicamos com as empresas de ônibus, empresas que fazem esse transporte descubro que não vai abrir a cordilheira a tempo eu não vou ter condições, e aí eu penso o quê que eu vou fazer, e eu, penso bom eu vou ter que, eu vou começar a ir nos restaurantes estudantis, em Mendonza, e qual hora melhor faculdade pra se ir no meu modo de entender? Era faculdade de arquitetura. Arquitetura é aquele lugar que tem sempre estudante esquerda tem não sei das quantas e tal mais nunca foi levado a sério nem pela repressão nem por ninguém, e no, no elo sociologia da economia (treco incompreensível) que se eu for é na arquitetura, e quando, quando eu chego na arquitetura tem um imenso, monte de estudantes, com mochila, com não sei das quantas e tal, fazendo uma lista, de estudantes de arquitetura que iriam no congresso de arquitetura no Chile, e que tavam todos os, as excursões planejadas tinham sido suspensas porque não dava pra ir de ônibus, e aí eu, me aproximo do pessoal, me escrevo dizendo que eu tô indo pro Chile pro congresso de arquitetura também, é eu tinha uma carteira de identidade, é funcional no governo do Estado do Rio Grande do Sul, de, é de agrônomo, de agrimensor, de agrimensor ma, de agrimensor e eu, fui não u faço muito trabalho pra arquitetos e tal e coisa, e como agrimensor eu, falei que eu ia pro congresso de

arquitetura também me interessava muito, e me escrevi pra ir junto com eles, estabeleci um relacionamento com um grupinho que tava por lá d gente assim que ocê notava que era, e comecei a selecionar gente até que no final, eu selecionei uma moça que chamava Maria Inês de la Cruz, falei bom agora chegou a hora eu tenho que falar com ela acabou meu dinheiro, no dia que acabou meu dinheiro não tinha mais dinheiro nem nada, eu, chamo a Maria Inês pra conversar comigo e falo com Maria Inês: “olha Maria Inês eu vou te contar uma história, eu preciso de contato com algum partido político de esquerda, (trecho incompreensível), eu não estou indo pra congresso nenhum eu tô fugindo do Brasil, eu preciso de apoio e preciso de alguém pra mim pagar a passagem meu dinheiro acabou sai do hotel hoje, não tenho nem onde dormir essa noite.” E ela tava no mesmo, tava no mesmo hotel que eu, e aí, nessa noite eu durmo no quarto que ela dorme eu me entro por trás e tal e durmo no quarto que ela dorme, e no outro dia ela marca comigo de encontrar na praça principal de Mendoza, eu dou pra ela o nome falo que eu preciso de uma passagem pra ir pro Chile passagem de avião, ela chega ali eu dou um nome que eu tava usando falei aqui é tudo ou nada né? Não tem outro jeito, e eu dou o nome, e ela chega na praça, eu chego, eu rodo a praça, olho de longe quinze min, 20 min antes meia hora antes, na hora e tal eu olho de longe eu tinha descoberto um jeito de ver a praça de longe, sem ser visto, numa rua que cabava bem na frente da praça eu tava sentado lá, e aí eu chego na praça quando ela tá lá, e ela vira e fala assim: “ Abre a mão e fecha os zolho.” Eu falei bom agora que vem algema, ela põe uma passagem de avião na minha mão, e vai pro Chile comigo, vai pro Chile comigo, foi junto comigo pro Chile, pro congresso de arquitetura, eu apresento ela pro pessoal do MAPU que tinha me, acolhido antes, MAPU é um movimento de ação popular unitário, que era uma, cisão do partido democrata-cristão, chileno, e eu apresento pro pessoal era muito ligado ao pessoal, da direção do MAPU, e, eu apresento ela pro pessoal do MAPU, ela fica com o pessoal, vai pra Valparaíso onde eu tinha morado, e fica ligado ao pessoal do MAPU e eu retomo contato com o pessoal, da ALN, com o Ricardo Zaratini e com a turma, a minha turma da, e aí, é eu, um pouco tempo depois né? Aí a gente fica no Chile aí já, preparando o ret, o ano de 73 inteiro, eu fico, no Chile, quando chega em setembro de 73, dia 11 de setembro tem o golpe do Chile, e aí a gente, eu continuo, até receber a ordem de sair do Chile, quem deu a ordem pra eu sair do Chile foi Ricardo Zaratine falou:” Não agora, pode sair.” Então eu é no dia, mais ou menos no dia 18, 19 de setembro, de 1973, eu vou, eu, eu, a ideia era entrar na embaixada da Argentina, mais

a embaixada da Argentina tava muito vigiada, é nós tínhamos uma amiga, Argentina, que era atriz no Chile, Mabel Fernandes a irmã dela que se chama, chamava Elisa, não sei se, irmã dela está viva até hoje, Elisa Fernandes morava no Panamá era atriz no Panamá, e ela fala conosco: “Gente, não vá, porque que cês vão nessa embaixada da Argentina? Vigiada do jeito que tá. Entra na embaixada do Panamá, a embaixada do Panamá acolhe vocês.” E aí nós entramos na embaixada do Panamá, em Santiago. Só que na embaixada do Panamá, virou o último recurso de quase todo mundo que tinha ficado, tinha fica, tinha ido ficando, ficando, ficando e demorado pra entrar embaixada, final, é tem um documentário, de um cara que chama Celso qualquer coisa que morreu no Rio Grande do Sul, numa operação que fez contra, numa casa do nazista, entrou na casa do nazista pra pegar uns documentos e morreu, nessa operação tem um documentário dele. É ele fala que eram quatrocentas pessoas mais eu acho que eram só duzentos, deixa eu, deixa eu só, deixa eu só desligar isso aqui porque senão, que vai começar telefonar não para mais. Gente eu tenho, quer não?

MARIA CERES: Não. Tem café aí, (trecho incompreensível) mais rápido.

RICARDO APGAUA: Bom, eu sei que a partir daí a gente, a gente vai pro Panamá e fica muito surpreso no Panamá, é Panamá é quase que o romance do Gabriel Garcia Marques. O presidente do Panamá na época era o Omar Torrijos, o Omar Torrijos era um militar, paramen que tinha dado um golpe de Estado no Panamá, e que por causa do canal do Panamá um paí, é o Panamá é um país extremamente nacionalista, por causa da briga dele pelo canal do Panamá acabou, se aproximando cada vez mais da esquerda, por outro lado, ele tinha um apoio grande da listrocácia Panamenha então, parece um romance, ou do Suassuna, ou do Gabriel Garcia Marques porque o Omar Torrijos, ele tinha uma irmã chamada Berta Torrijos, que era reitora da universidade do Panamá e era uma pessoa conhecida de esquerda. Ele tinha uma irmã que eu não lembro exatamente o nome mais eu, me veio o nome Ester Torrijos pode ser que seja, ou Estela Torrijos uma coisa qualquer assim, que era, o apoio do lado, da direita, e era quem tava arranjando emprego pra todo mundo do Panamá. E, o Omar Torrijos era um cara populista e tal. Então, quando nós chegamos, nós fomos recebidos, pelo próprio Omar Torrijos, no aeroporto o grupo dos homens. Panamá sempre foi um país muito machista a ponto de quando nós chagamos numa festa, na, na cidade de Panamá, minha mulher tava grávida com muitos meses de gravidez, barrigão e tal, eu vou pra ela, com ela pra sala porque ela foi levada pra sala pra ficar com as mulheres, e eu fico com ela, com as mulheres da sala, aí veio a dona da casa, me chamou, me levou

até pediu que eu acompanhasse, aí o marido dela me explicou que era inconveniente eu ficar na sala com as mulheres, lugar meu era lá com o pessoal da cerveja do lado de fora da casa, país é, extremamente conservador. E ela, e aí a gente tem aquele negócio Omar Torrijos não só recebeu a gente, como um belo dia, nós estávamos hospedados em todos os hotéis, de três cidades, uma se chamava Sanantonio, a outra chamava Xitré e a outra chamava lastadas, e era assim quando ele chegou, es falaram aqui assim: “Forma um grupo de dez.” Aí aquele (trecho incompreensível) tinha, criado uma certa, uma cer, um certo contato na embaixada pó nós somos quanto? Ach, arranja mais um aí mais dois, vamos fazer o grupo nosso. Aí juntava aquele grupo de dez vocês vão, vocês aqui vão pra tal hotel, vocês vão pra tal hotel então vocês já vão aqui marcado e tal, cês são o grupo um, dois, três, quatro isso no aeroporto, depois que a gente foi recebido teve, um pouquinho de comes e bebes e tal fomos embora. E, fomo, pegamos o ônibus várias horas de viagem ficava bem longe dessas cidades, e fomos distribuídos nessas três cidades, enquanto que, as mulheres grávidas tinham ficado na cidade do Panamá, mais nós não podíamos ficar com elas até que resolvesse a situação toda e nós ficamos, fomos pra cidade, pra essas cidades e a mim, tocou ao João, a mim e ao João a um, que eu não sei se ocê conhece,

MARIA CERES: Qual João?

RICARDO APGAUA: João ele é muito ligado a comissão liberdade, a (trecho incompreensível),

MARIA CERES: Ah tá!

RICARDO APGAUA: Nós fomos pra pensão, (trecho incompreensível).

MARIA CERES: Hum.

RICARDO APGAUA: Em (trecho incompreensível), não em (trecho incompreensível) não em Las Tabas. Era o pior hotel, fomos pro pior hotel de todos, se a gente tava no melhor hotel da cidade, e tinha gente que tava no pior nós fomos pro pior, a ponto da parede ser dessa altura mais ou menos aqui assim de lá pra cima até o teto não tinha parede, então dum quarto podia falar pro outro, escutava tudo que tava acontecendo no quarto. A mulher do Evandro que é professor me parece na universidade Uberlândia, Uberaba que é da área técnica que era engenheiro. Mulher do Evandro chega no Panamá sabendo que a gente chegou no Panamá, chega também no Panamá vai pra onde nós estávamos, e aí nós, esvaziamos um quarto pros dois, e fomos todos dormir no mesmo quarto, juntamos a cama e tal, fomos dormir no quarto,

e fica só o Evandro com a esposa dele, quando ela acorda de manhã tem um cara olhando em cima ela pelada e um cara olhando de cima, de cima do, quer dizer, ela dá um grito, todo mundo sai o cara desapa, apavora, sai correndo do hotel (trecho incompreensível), mas essa era situação. Mas foi um momento muito agradável, o Torrijos, aí, aí a gente saia desse hotel ia pro melhor dos hotéis, a gente ia pra lá e ficava todo mundo e tinha, um hotel com bangalolos com, belíssimo lugar pra ficar então, em Las tablas que era fora da cidade, todo mundo ia pra lá. Um belo dia nós estamos lá comendo, descem dois helicópteros e um pessoal da segurança da uma controlada geral e tal, e aí desce o Torrijos vem e senta com a gente, e a gente passa uma tarde inteira até a noite com Torrijos, e aí fom, começamos a ser aceitos, pelos panamenhos. Saiu o João mais um grupo grande pega um avião e vai pra Cuba, e outros que não tão pensado ir pra Cuba eu, imaginava que, de alguma maneira eu, ou iria pra Argentina, ou iria pro, ou iria pra Europa de alguma forma, é a gente não vai pra Cuba, e aí é muito divulgado no Panamá que uma turma grande foi pra Cuba nós vamos, pruma reunião sentam um monte de fazendeiro dum lado e nós do outro, e aí eles começam a nos interrogar, quê que nós pensava (trecho incompreensível) política? O quê que nós tava fazendo no Panamá? Se a gente tava interessado em fazer, alguma re, revolução no Panamá e tal, falei assim: “ Não os comunistas todos foi pra Cuba cês viram no jornal aí.”. Mais essa estada no Panamá foi muito curta, e o governo do Panamá negociou de certa maneira com governo Belga, pra dar asilo, para quem estava no Panamá, mais eles davam passagem pra quem quisesse sair porque dentro da perspectiva deles, da nacionalização do canal do Panamá, era muito importante se ver livre da gente do Panamá, e aí eles facilitaram tudo. E aí eu tinha contatos com gente da anistia internacional na Suécia, mais tinha visto, para a Bélgica, todo mundo tinha, um passaporte que eles deram documento em gran, imenso que dizia nome declarado, idade declarada, pais declarados, eles não se responsabilizavam por nada. Nós chegamos no Chile, com carteira de identidade, inclusive falsas hum, que era o, (trecho incompreensível) Brasil, e aí é, a gente chega com esse documento, tem o carimbo da, da embaixada da Bélgica, mais eu senti mais firmeza como minha mulher por ter filho, imagina que nós chegamos no dia mais ou menos 13 de dezembro, meu filho nasceu no dia 01 de janeiro, parto normal, então eu achei que

MARIA CERES: Sua mulher era quem?

RICARDO APGAUA: Era, talvez coleg, não sei se era colega sua na filosofia, Sônia Maria Ferreira de Lima que era da ALN também, que foi mulher do Élcio, antes dele morrer. É, ela tava nos dias de ter filho eu achei mais seguro, ir pra um país onde eu tinha contatos, e aí nós chegamo, nós pedimos pra, fa, dar uma passagem até a Bélgica, estendendo a passagem, até (trecho incompreensível). Quando nós chegamos, em Madri, numa troca de aviões, ela começa ter dor de parto, é época do frango. A gente tinha muito medo naquela época, a gente tinha muito medo dum, duma situação dessa de repente a gente ser preso, na Espanha, e, e mandado de volta pro Brasil, não aconteceu com ninguém podia acontecer né? Então nós ficamos no aeroporto, no aeroporto, a gente pediu, foi na companhia de aviação e pediu pra, eliminar o voo, da Bélgica, e chegar direto ao (trecho incompreensível), nós chegamos no hospital (trecho incompreensível) mais ou menos a 00h00min uma coisa assim, e pedimos asilo no aeroporto, aí nós fomos presos, ficam, era, no dia 13 de dezembro, tinha um feriado seguido no dia 13 de dezembro, nós ficamos até segunda feira, na seg ...

MARIA CERES: E o neném nasceu não?

RICARDO APGAUA: Não, e aí na segunda feira, mais é muito confortável né? Tinha o, o primeiro carcereiro nosso, passou o dia inteiro dentro da cela com a gente. Ela falava inglês, eu falava, devia falar, três quatro palavras né? O meu inglês era aquele que o cara perguntava assim (trecho incompreensível)? Eu virava pro cara falava (trecho incompreensível). Então, era daquelas coisas assim que era impossível né? Mais ela conversava, e aí ele fica olhando social-democrata, extremamente simpático ali a gente ficou o dia inteiro na cela com a gente, conversando, batendo papo contado, a história da Suécia, da social-democracia sueca. No outro dia veio um cara meio fascistão, não quis deixar a gente ficar na mesma cela porque, a noite, nós éramos, separados em celas diferentes. Ali ele deixou a gente na mesma ce, na cela, original durante o dia inteiro, não quis deixar a gente ficar na mesma cela, e aí no terceiro dia, chega o pessoal da imigração sueca da polícia, pra nos interrogar. Existe uma técnica policial, que bem machista mais muitas vezes funciona, a polícia não, interroga primeiro o homem, era parte do princípio em que o homem, que a mulher foi levada pelo homem, porque, era mulher dele mais, tem uma visão bem machista, eles pegam a Sônia, e fazem interrogatório com a Sônia, isso foi muito bom porque, a Sônia tinha muita militância, a Sônia, tinha muita experiência e tal, a Sônia foi, vice-presidente da OE, e a Sônia, vira pro policial, era a primeira pergunta que fizeram ao

meu respeito, ela virou e falou assim o: “Eu sou casada com o Ricardo, casei com ele no dia 13 de novembro.” Ou no dia 11 de novembro sei lá um dia qualquer, foi um mês antes, disso a gente se casou pra facilitar, a vida. “É essa é a única informação que eu vou dar sobre ele, todas as outras informações que ocês quiserem, são ao meu respeito eu respondo tudo que ocês quiserem ao meu respeito.” E aí, quando, e eu fiquei, aí ela foi interrogada por sete horas. Quando eles trouxeram de volta era de tarde, aí eles só deixaram, só nos separam de cela eu já, ela chegou, eu estava na cela dela nesse dia, ela chego e eles iam me passar, pra minha cela, como interprete em espanhol, e ela falou aqui assim: “Falei que a única coisa que eu sabia, que eu diria a seu respeito é que nós nos casamos dia tal de novembro e coisa, e que tamo esperando um filho junto e tal,” Então foi muito fácil pra mim que ela já tinha falado, confirmar o que ela falou eu já comecei na hora que começou o processo eu falei: “Olha eu quero informar o seguinte, tudo que cês quiserem saber ao meu respeito eu digo, tudo que ocês quiserem saber, respeito da Sônia eu espero que cês tenham perguntado pra ela porquê.” E aí foi assim nossa, nosso depoimento na Suécia, e a partir daí eles já nos passaram prum hotel e dum hotel pra um acampamento de refugiado que era um hotel também, É, existe um filme que se chama a fonte da donzela, do Bergman que era muito conhecido na nossa época e tal. A fonte da Donzela, ele foi rodado, numa cidade que se chamava, e que chama (trecho incompreensível), num hotel que cham, num hotel que se chama, a fonte de (trecho incompreensível), que era a fonte da antiga lenda, da fonte da donzela que nós ficamos nesse hotel, ficamos no hotel mesmo hotel assim de, ótima qualidade.

MARIA CERES: Mas, em Estocolmo?

RICARDO APGAUA: Não, isso fica em (trecho incompreensível) no, é, é, entre Estocolmo e o extremo Sul da Suécia.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Perto de uma cidade que chama (trecho incompreensível). Quando é, nós tavamos nesse hotel, é fizeram uma campanha na Suécia pra que as famílias adotassem, uma família, de refugiados chilenos, para o natal, e aí nós fomos para numa cidade chamado (trecho incompreensível), na casa de um espanhol antigo um, um espanhol que tinha sido, exilado na Suécia chamado, Juan Benitez, e nós ficamos na casa dele, até o dia do ano novo. No dia do ano novo, na festa de ano novo a, a Sônia começa a ter dores de parto, vai pro hospital, como, ele e a mulher, levam a Sônia no carro, mais eu tenho que ficar em casa cuidando dos filhos dele filho

mais velho tinha 11 anos de idade e tal, eu fico em casa cuidando. No outro dia de manhã, a mulher dele vem do hospital e aí eu vou pro hospital, e o menino ainda não tinha nascido, e aí o Élcio nasce, é mais ou menos por volta de, de 11h00min da manhã e tal te um parto complicado, e a gente dá o nome dele de Élcio em homenagem, ao Élcio Pereira Fortes. É, a gente depois é transferido para, um escola eles chamam de escola, popular, é escola do povo, escola superior do povo um negócio qualquer assim, foi, é um movimento que a social-democracia inventou de escolas, pra educação dos operários na Suécia, isso em mil e oitocentos e não sei quanto e que acabou virando uma coisa, hoje seria um, uma espécie de supletivo alunos que ah! Por qualquer motivo. Não terminaram segundo grau as vezes vão pra essas escolas, é são escolas muito interessantes, muito agradáveis, gente jovens tal e nós fomos levados, para uma escola que fica na cidade de (trecho incompreensível) no Sul da Suécia, é, e, (trecho incompreensível), não (trecho incompreensível) no Sul da Suécia, e aí a gente fica nessa escola até, que a Sônia consegue uma vaga pra estudar, na universidade de Lund, eu, consigo uma vaga pra fazer um curso técnico, eu fiz o curso técnico, de instrumentação, e aí a gente vai pra Lund, a gente fica em Lund que fica no extremo Sul da Suécia onde tem uma das, das mais tradicionais universidades da Suécia. E em Lund tá, onde tem mais uma filha a Paloma, depois eu e a Sônia nos separamos, eu me caso com uma finlandesa, e aí, tivemos mais uma filha Irene que, os três moram hoje na Suécia, né? Os três, é o meu filho veio pro Brasil quando teve anistia veio comigo, é ficou 1 ano no Brasil, depois voltou com a Suécia com a mãe, a mãe nunca mais, voltou pro Brasil a não ser nas férias e tal.

MARIA CERES: A mãe é a, a,

RICARDO APGAUA: A Sônia.

MARIA CERES: Sônia.

RICARDO APGAUA: A Sônia ficou na Suécia, até hoje ela, hoje ela é psicóloga ela trabalha na Suécia, é trabalhou muitos anos com recuperação de, vítimas de guerra, vítimas de tortura e coisa desse estilo como psicóloga, e a Sônia é, é (trecho incompreensível) da sueca, vem no Brasil só nas férias, é uma vez por ano. É o meu filho, se casou com uma sueca, agora, recentemente há uns 3 meses atrás tem, com ela um filho, nasceu há, 15 dias atrás um dia, é um negócio assim uns 15 dias atrás nasceu o filho dele. Mais é totalmente, é sueco, né? Então é meus filhos não existe a menor chance deles algum dia virem pro Brasil a não ser pra, pra ter uma dupla nacionalidade só pra moti, por motivos folclóricos porque, eles são totalmente

adaptados na Suécia, trabalham e, e tem a, a vida deles totalmente, montada lá. E aí, depois tive a Beatriz que é a única que é filha de brasileira eu moro no Brasil, nasceu em Brasil e provavelmente, e quer muito sair do Brasil a primeira oportunidade que ela tive. A partir da minha volta, eu já passo,

MARIA CERES: Cê retornou quando?

RICARDO APGAUA: Eu retornei inicialmente, na anistia. Fiquei mais ou menos 1 ano no Brasil.

MARIA CERES: 79 que cê veio?

RICARDO APGAUA: Em 79.

MARIA CERES: Tá.

RICARDO APGAUA: Voltei logo depois da anistia, eu devo ter voltado num, é eu voltei, voltei no dia 08 de outubro de 79, cheguei aqui, foi logo depois da anistia mesmo, foi, assim, muito pouca gente chegou antes de mim em Belo Horizonte por exemplo, tanto que eu fui assim, eu fui recebendo, muita gente eu fui receber, em Belo Horizonte, é mais, é inicialmente eu me vinculei no início, é eu tinha participado, na Europa eu tinha participado um pouco, é eu tinha participado muito, é inicialmente quando chegamos na Suécia, é do trabalho de solidariedade com o Brasil, nós fizemos na Suécia um, um, é um boletim que se chamava, (trecho incompreensível) que significa, a luta do povo no Brasil mais ou menos né? (trecho incompreensível) e, era é um, um boletim em que era, distribuído, acabou dividindo os brasileiros em dois grupos, porque por uma lado, tinha, um brasileiro PCdoB o Alfredo Lopes Ferreira Filho, que, era, fazia muita questão, que se fizesse uma constante campanha de solidariedade com a turma do Araguaia, e era uma questão que eu fazia também, mas nós tínhamos sido os, mentores e começamos esse processo. Então fizeram uma votação (trecho incompreensível) dizendo que o Araguaia não podia entrar no jornal, e nós alegamos que não existia votação democrática desse jeito no nosso grupo, no nosso grupo, existia uma questão o seguinte respeito a todo mundo que, luta no Brasil contra ditadura independente de quem é. Então nós fizemos muita questão de continuar divulgando, coisas do Araguaio, o partido comunista brasileiro sai fora então, entre eles (trecho incompreensível) não sei lá das quantas faz, montam Brasília um boletim, que diziam que era um documento democrático e o nosso era um documento antidemocrático de um, de algumas pessoas que não aten, não aceitavam as decisões da maioria, e a gente colocava que não existia maioria numa coisa dessa, solidariedade com o Brasil, não importa se pessoal, a maioria no Brasil (trecho

incompreensível) mais não é, um grupo de exiláticos vai decidir. Isso, dividiu muito os exiláticos é muito ruim isso, acabou virando onde dois grupos de brasileiros. A gente ainda se vinculou muito ao grupo que tava, um grupo que falava de oposição sindical no Brasil e tal, os primeiros contratos da oposição sindical eu participei, de uma, de um congresso que se chamou Brasil diante da década, diante da década, é, do ano 2000 não sei e depois, é participei de um congresso da oposição sindical na Bélgica, voltei pro Brasil me liguei ao PT, mas logo, eu comecei a, a me sentir assim bem, eu não sei, cada um de nós é meio um produto, das experiências que tem, e, eu fui muito criticado porque, é se eu cheguei comunista da Suécia, eu sai da Suécia social democrata porque realmente a única experiência que eu conheço de democracia social, realmente eficiente, realmente, é democracia econômica assim, que, inegável, foi nos países candidatos, e é, o fato, e ao chegar no Brasil havia uma postura, muito radical com relação a algumas coisas, que não dever, que eu achei que não deveria ser então eu comecei a me afastar muito, dessa, desse vínculo, é partidário no Brasil. E continuei, continuo hoje, considerando que, a experiência eu vivi em Cuba, eu vivi muito próximo, frequentei a Alemanha Oriental quando eu tava na Suécia, e realmente o lugar que eu encontrei democracia e política de verdade, democracia econômica de verdade, justiça social de verdade, foi nos países os candidatos. Isso é muito pouco aceito pelos meus antigo companheiros é com muito poucas exceções, todo eles é, achavam isso, um bom reformismo, de um neo liberalismo. No Brasil a gente tem muito, é a gente se acostumou muito com rótulos, isso é muito ruim porque na hora que você monta um rótulo, você impossibilita o debate, e você cria uma distância, que chega, é que chega assim as raias da, da irracionalidade. Então a partir daí eu comecei a me afastar um pouco então eu, acabei no Brasil montando minha própria vida, indo trabalhar por minha própria conta, fiz um, processo aqui na escola técnica no sentido inicialmente de, de refo, é revalidar meus diplomas, não consegui, foi engavetado de alguma maneira, o Nilton Espindola, encontrei um dia com o Nilton Espindola na rua, e falei pro Nilton o Nilton, porque o Nilton é da minha época, né? Apesar dele ser um cara que sempre foi de direito, né? É sempre foi de direito assim sem nenhuma, nenhuma, nunca houve deslealdade no Nilton comigo mais a gente, eu era colega do irmão dele, ele é, ele tava um pouquinho a minha frente, ele era colega estudava em outra técnica, era colega do Alberto Cristóvão, mas era uma pessoa de direita apesar dele, não se preocupar com política ele, só se preocupava com, era o melhor aluno da escola, era um.. ele, que tinha 3 anos a nossa frente e o Lazareno,

que era, da turma dele no mesmo ano que ele, ele era a estrela da escola o Nilton Espindola. E aí eu pergunto o Nilton porque o dia que eu cheguei aqui no Nilton, na escola, logo depois que eu cheguei (trecho incompreensível) eu vim a escola, eu vim por causa da revalidação do diploma, e aí, falei assim ah vou conversar com Nilton. Eu entrei na sala numa sala, de professores sei lá o que era antigamente a sala dos professores tava o Nilton, eu fui entrando andando na direção do Nilton e o Nilton andando de costas, eu acho que ele ainda não tinha notado que tinha tido anistia, eu acho que ele achou que eu tava, que a turma armada tava atrás de mim, e aí eu falei com Nilton, o Nilton, fiz um curso técnico, fiz uma complementação técnica, eu tenho os diplomas aqui e tal, é, é um curso que é feito na velocidade que o aluno faz, é ocê, cê pega um plano de estudos, você tem uma, uma bancada na qual você trabalha, cê tem, um plano de estudos que cê pega o momento o momento de estudos (trecho incompreensível), livro tal , tal capítulo e tal. Quando cê chega num determinado momento, laboratório cê faz laboratório, chega um determinado momento que fala aqui assim au, aí cê tem que esperar que todo mundo teja o, que tem um grupo grande o suficiente, pra ir praquela aula junto com você, e você vai fazendo as provas, e eu fiz esse curso muito rápido, e terminei esse curso muito rápido, e me formei em instrumentação. Como eu tinha estudado, no ginásio industrial e tinha estudado eletrônica aqui, pra mim eu considerava que o mais fácil seria, fazer alguma coisa com relação a (trecho incompreensível) eletrônica.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Era matéria que eu dominava a gente, fazia molecagem com eletrônica aqui dentro pra se ter uma ideia, a gente fazia, uns transmissorezinhos de rádio, e colocava na frequência da rádio que, se escutava nessa rua de trás aqui no botequim que todo mundo via na hora do intervalo, aí tinha um patamarzinho tinha uma, tem uma es, tinha uma escada que subia, agora ela no meio aqui mais antes era lá na, na quina, que é a entrada de trás da escola a gente, passava por aí, então a gente passava por aí, pulava em cima de um patamar que tava atrás de um terra, como se fosse terracinho, não é, não tinha escada pra lá, não tinha nada. A gente deitava lá, via quem tava no bar, com aquele transmissor, era o Bruno (trecho incompreensível), eu, Verner não sei mais quem, tinha uma turma que ficava, provocando o pessoal, falando bobagem e tal, entrava na frequência do rádio que eles tavam escutando quando o cara ia sintonizar, sintonizavam o nosso rádio, e a gente falava mal dos caras, enchia o saco aliás, o pessoal até, até já sabia quem que era a

gente fazia isso com frequência. Então eletrônica tinha virado quase que uma brincadeira pra gente, na época, e eu quando cheguei na Suécia eu falei, que eu pegar uma matéria que tenha muita eletrônica porque, eu consigo. Eu tinha feito um supletivo no Chile, tinha passado no supletivo no Chile então, dediquei só as matérias técnicas. Na Suécia, existe um, um, a Suécia é muito menos corporativa que no Brasil, se eu tivesse chegado no Suécia e dito que eu era, que eu tava na universidade, seguramente eu teria entrado pra universidade no ano que eu tivesse dito que eu tava, porque suecos partem do seguinte princípio se o cara não tiver capacidade ele não vai chegar longe ele vai parar ali na frente, é só chegar na primeira prova, segunda prova, terceira prova e tal e ele tá, mais ou menos. Então, eles aceitam diploma, aceitam sem diploma perguntavam falavam, o que cê falava o quê cê tava fazendo o quê que cê tinha feito, e eles te permitiam, e aí eles mesmo me sugeriram quando eu, falei que eu estudava química no curso técnico mais que eu não tinha, ma, eles me sugeriram que eu fizesse eletrônica do curso anterior, isso foi muito fácil pra mi, com supletivo do Chile, eles aceitaram meu supletivo do Chile, então eu fiz só eletrônica, só matéria técnica passei em tudo, e sai, muito rápido desse curso técnico. Quando eu cheguei aqui eu entreguei o diploma na escola técnica, e aí, falaram que iam vê e tal iam vê, iam vê nunca resolviam nada. Quando chegou em um, eu cheguei aqui em setembro, mais ou menos em setembro outubro eu cheguei no Brasil, é setembro ou outubro não sei exatamente cheguei no Brasil em setembro ou outubro, e, em setembro, fiquei 1 ano no Brasil setembro do outro ano foi quando eu fui embora, foi quando eu vi que eu não consegui revalidação diploma que eu não conseguia emprego direito eu trabalhava com, tradutor, é eu tinha uma empresa que funcionava ali na rua Professor Moraes com Ceara, que fazia traduções, eu fazia traduções pra eles, quando eu sai o Narras também tava acabando de chegar de Cuba, eu passei, é eu passei, o emprego de tradutor pro Narras.

MARIA CERES: Hum.

RICARDO APGAUA: Ele ainda não tava trabalhando como médico, e aí eu passo pro Narras o emprego e eu acabei falando não, vou voltar pra Suécia que eu não vou ficar aqui desempregado eu não queria viver as custas do meu pai. Voltei pra Suécia e aí quando eu cheguei na Suécia, eu tinha deixando meu antigo emprego eu trabalhava na universidade de Lund como, instrumentador, como técnico, inclusive esse documentos foram, entregues, aqui (trecho incompreensível) então tá aqui o ofício que eu fiz, pra escola pedindo revalidação de diploma na época, porque eles engavetaram,

tá aqui. Isso aqui é uma cópia que eu tinha lá, que eu, então, eu sei o seguinte que, é eles me fizeram, depois tinha uma, uma coisa qualquer da secretaria, da, do ministério educação aqui embaixo onde depois foi secretaria de educação, aqui embaixo perto do, da estação da gameleira e tal.

INTERLOCUTOR: Hum.

RICARDO APGAUA: Eu, tive lá também conversando com, com alguém que eu esqueci o nome mais também foi aquele negócio que enrolaram, enrolaram, enrolaram, quando eu quis, que a comissão, que, que na, na discussão da anistia eu tivesse o diploma, o diploma reconhecido, o Roberto Olatti que era meu advogado achou que isso não tinha menor importância na vida, e não fez o processo, ele não pos no processo meu pedido de revalidação de diploma aí eu já tinha tido curso su, já tinha curso superior e tal, já não tava mais baseado mais eu, no final, quando eu volto depois da anistia 1980 para, a Suécia, eu já volto pra Suécia imediatamente me convi, me convidaram pra dar aulas, numa escola, que, que formava, a turma que é da cooperação técnica sueca, é na, na, nos países de língua portuguesa da África, era uma turma que ia pra África pra trabalhar com cooperação técnica e alguns que eram, é alguns que eram, como é que chama isso? Alguns pacifistas que se recusavam, a, a fazer serviço militar. Serviço militar na Suécia é obrigatório, então se o cara é muito pacifista por motivo religioso ou consegue convencer uma comissão qualquer, ó aquele é pacifista a ponto de não, pegar em arma em nenhuma circunstância, ele pode fazer serviços de defesa civil não sei das quantas, se ele tem curso superior, ele pode optar por fazer um curso pra ir pra escolas de, da cooperação internacional sueca, no resto do mundo. Então me convidaram porque, é eu durante o período que eu estava na Suécia eu tinha dado aula de português, e vários cursinhos e coisas desse estilo. Então me convidaram pra dar aula de português pra essa turma, e aí eu, eu vou pra essa escola uma escola que ficava numa ilha fluvial na Suécia, vou dar aula de português dou aula de português durante um tempo, e quando eu volto, pra Lund, eu já volto, pra estudar economia e aí eu entro, na universidade de Lund e vou, estudar economia me especializo em história econômica. Já te contei né? E a partir daí eu cada vez, eu fiquei na Suécia fiz história econômica, eu e a minha mulher, fizemos, a (trecho incompreensível) que é finlandesa, fizemos uma pequena fabriquinha de boneca de, de brinquedos pra fazer, pra ver o, possibilidade que ele teria, chegamos conclusão de que, talvez fazer essa fábrica no Brasil seria muito mais fácil, foi o maior erro que nós já cometemos na vida né? Chegamos no Brasil é muito

mais difícil os impostos são mais altos e, e o Estado é muito mais implacável, igual as empresas do KL, na Suécia existe, não existe financiamento bancário, existe possibilidade de você conseguir juros a, custo baixo pra montar estruturas de, produtivas.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Não existe isso nunca existiu não existe até hoje, não existe até hoje por incrível que pareça, depois da esquerda, provavelmente a quem não vá concordar comigo com isso, eu considero que a esquerda está, no poder no Brasil há muito tempo eu não acredito muito em rótulos não sério, tá muito mais dentro. O dia que O ITAMAR Franco entrou e colocou a esquerda no poder e desde então esquerda ficou no poder no Brasil até, praticamente hoje até uns dias atrás. Até hoje não houve, uma só política no Brasil de fomento, a posição, de apoio ao pequeno produtor e coisas desse estilo. Então todo esse processo acabou me, e u fui pro lado, de virar um empresário eu virei um empresário, tentando me manter muito fiel a todos os conceitos sociais e políticos que eu tive na minha juventude, claro que a gente muda muito, que a gente, adquirir mais experiência, a gente passa a ver o mundo de uma maneira, um pouco diferente né? Eu outro dia tava, não sei se ocê conhece o, irmão da Vilma Fazitto o Dilermando Fazitto?

MARIA CERES: Não mais eu conheço a Vilma.

RICARDO APGAUA: É outro dia tava eu, o Dilermando o irmão dele que faleceu há 2 me, 1 mês ou 2 atrás o Luiz Fazitto, é nós tavamos batendo um papo e o Dilermando virou e falou aqui assim: “Eu tava um lendo o autor norte-americano ele falou o nome eu já tinha escutado mais não me lembro agora qual que era (trecho incompreensível), e esse cara mudou a minha maneira de ver as coisas eu descobri uma coisa, há 200 mil anos ele disse agora virá 300 né? Que o ser humano sempre arranjou, um modelo, produz, de produção, uma estrutura econômica pra sobreviver, que foi a mais adequada época sem muita discussão política sem muita, e o, e o ser humano foi caçador e coletor, durante tinha sido, segundo ele agora ele vai aumentar essa conta pra 300 mil anos porque, já descobriram mais um tem 100 mil anos a mais, há 200 mil anos, né? Ele disse, e a verdade é o seguinte, é essas tentativa de, projetos econômicos, é que, é que são mais consequentes do ponto de vista político, econômico-social, democrático e tal, se a gente for pensar, hoje a esquerda defende, violentamente, um modelo econômico que é o mais antigo dos modelos econômicos que nós temos, depois que sociedade tem uma está, um Estado. Aconteceu assim na

China, aconteceu assim no Egito, se tinha um Estado centralizado com o Estado, construindo toda a infraestrutura de irrigação de transporte de tudo, e é um Estado de privilégios, de reis, de faraós, de castas. Na Índia, cê tem isso, um pouco mais, é um pouco menos centralizado isso? Mais é, uma questão assim eu é inegável, e eu tinha, e eu vinha pensando nisso assim sem muita coragem de dizer, é desde que eu estudei história econômica né? Quando a gente falava do Estado (trecho incompreensível) e tudo isso, né? A gente, de certa maneira já, via isso mais hoje eu isso com muito mais clareza, na verdade, quando as pessoas pensam que os modelos econômicos são, o fruto de um brilhante na brilhante cabeça dum, Deivid Ricardo, de um (trecho incompreensível), de um, de um Marques e coisa desse estilo, na verdade eles foram pessoas que foram capazes, de, entender muito bem, a sua época, e os paradigmas que estavam começando, a aparecer na sua época, mas nós temos, figuras de catástrofes totais que uma boa parte de nós com todos os conhecimentos que nós temos, e com todo o projeto social que nós temos, nós temos preconceito com relação a soluções, que vem da (trecho incompreensível), quando os comunistas, rompem com o social democratas, que tinha uma postura de uma, revolução social, pacífica, tranquila, é na verdade é uma questão de honra, você romper com o social democratas.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Que na verdade controlava o movimento operário naquela época, e que conseguiram construir as sociedades mais democráticas do ponto de vista econômica, e do ponto de vista político, que nós conhecemos até hoje no meu modo de entender. Então, isso me foi fazendo me afastar um pouco e isso me, tirou (trecho incompreensível) jogo político que, hoje, tem aí né? Então eu hoje tem uma postura bastante crítica com relação a tudo isso mais, eu acho que, isso é uma consequência de uma experiência de vida que não foi vivida por, outras pessoas, e hoje meu nível de militância é um nível de militância praticamente num, mais as vezes ajudando a fazer o livro do Élcio.

MARIA CERES: O, o Ricardo, eu só queria voltar um pouco lá atrás na escola (trecho incompreensível), é primeiro eu queria, cê falasse um pouco se for possível, o quê que foi necessário é lá em 64, que o professor é Agnelo Viana, montasse um quarto anexo para os alunos da escola.

RICARDO APGAUA: Foi necessário porque ele considerou que a escola é o que aconteceu, que o Dops,

MARIA CERES: O quê que aconteceu?

RICARDO APGAUA: O Dops poderia chegar na escola e prender os alunos, ou seja,

MARIA CERES: Porque que poderia?

RICARDO APGAUA: Porque você tinha, teve o golpe e ele não sa, em momentos de golpe (trecho incompreensível) como foi no Chile por exemplo, a, as estruturas repressivas, imagina quem é a repressão, se por um lado a repressão era, o exército do general Morão que foi pra Juiz de Fora e tal.

MARIA CERES: Aham.

RICARDO APGAUA: Eram os voluntários, os milicianos que punha uma faixa mais (trecho incompreensível) a verde e amarela no braço e saia,

MARIA CERES: Faziam isso? (trecho incompreensível) assim?

RICARDO APGAUA: Você tinha os voluntários e, e era convocado no rádio tinha um monte de, de mesas pra, pra, pros milicianos, é pra (trecho incompreensível) família e propriedade, pra quem era de extrema direita e tal. É, então o Agnelo, era uma pessoa culta, ele tinha aqueles, ele tinha aquelas características do,

MARIA CERES: (trecho incompreensível)

RICARDO APGAUA: (trecho incompreensível), desculpa aí minha versão, alemã do, alemã do nome.

MARIA CERES: Muito menos eu né?

RICARDO APGAUA: Ele era, ele era iludido, ele era culto e ele sabia que nós tavamos diante de uma situação meio, imprevisível, ele não sabia se havia reação (trecho incompreensível), Daci Ribeiro, tava no palácio do planalto com revolver na mão, sozinho, pra defender o palácio do planalto mais tinha gente que achava que, existia uma estrutura militar ao redor do (trecho incompreensível). Então ninguém sabia quando é que ia acabar, é guerras fratricidas, guerras civis,

MARIA CERES: Depois foi logo 31?

RICARDO APGAUA: Foi, foi no dia prime,

MARIA CERES: Primeiro?

RICARDO APGAUA: Foi dia primeiro de a, logo, primeiro dia de aula depois do, depois que o golpe acab, consolidou o golpe, ele nos chama, pede ao Padre Sérgio que monte o quarto lá nos fundo, e nos diz o seguinte: “É imprevisível o que vai acontecer, se tiver resistência, se tiver qualquer coisa.” E numa guerra civil mata-se, a pessoa porque tá passando na rua, mata-se criança porque pensa diferente, mata-se estudante que não tem nada que ver com isso e vocês que tem que ver muito mais,

né? Nós éramos conhecidos como militantes do movimento estudantil apoiávamos, é julgamos o, eu hoje até achei gozado que eu cheguei aqui, e tinha um grupo discutindo ali na, ali onde e, antes era diretoria em frente sentado ao redor, ele falando, é das perspectiva no Brasil hoje, eu tava olhando, eu fiquei ali perto olhando o pessoal falando e me lembrei, da nossa época né? E aí, o Agnelo coloca que ele gostaria muito que, a repressão não chegasse a escola, e gostaria muito que nós, não nos afastássemos do ensino, ele tinha medo de que, todos os dias, saia no Estado de Minas e saia no Diário oficial, uma lista, os editais do exercito convocando as pessoas pra prestar depoimento. Cê pega os jornais da época, a partir do dia, 01 de Abril, você tem todos os dias editais é convocando pessoas para se apresentar no exército, aquela lista de, edital fulano de tal se comparecer no quartel do doze (trecho incompreensível) fulano de tal pra comparecer no Dops e tal, era todos os dias. Meu pai foi preso logo depois do golpe entrando na assembleia meu pai era funcionário da assembleia, ele foi preso entrando na assembleia. É, é uma coisa interessante porque ser clássico, papai tinha um, o Elvécio Arantes que foi também secretário de segurança pública, que era um homem de direito, era filho do Doutor Arantes não sei qual que era o primeiro, nome do pai do Elvécio Arantes. O Doutor Arantes foi um dos conspiradores do golpe junto com o Alberto Delgado que era, (trecho incompreensível) da faculdade de direito, com outros é méritos (trecho incompreensível) de Belo Horizonte, no entanto o, Alberto, o Doutor Arantes, que era amigo do meu avô, que era amigo do meu pai, telefona pro meu pai, chama meu pai na casa dele falou assim: “O Paulo você vai esconder na minha casa, vai ficar escondido na minha casa.” Muitos anos depois, meu pai soube que ele tava preso na casa do Elvécio Arantes ele não sabia ele tava, (trecho incompreensível) , do Elvécio não, o Doutor Arantes era o avalista, de que ele não faria nada, ia ficar quietinho na casa dele. Então, esse receio do Agnelo, de que a gente fosse preso, afastado da escola, que houvesse a trariedade, antes que fizesse algum tipo de, de, de violência muito grande se houvesse reação, era um pouco nos afastar de qualquer processo de violência que havia na época, e de garantir que os alunos da escola técnica, não se afastaria do (trecho incompreensível).

MARIA CERES: Cê tem noção de se ter, lembra mais ou menos quantos meninos nesse momento que ele falou,

RICARDO APGAUA: Eu não lembro quantos mais eu lembro de alguns que tavam lá, Sálvio Pena tava lá, é, o, Alcione Araújo tava lá, o Alberto Cristóvão, o Márcio Lacerda é,

MARIA CERES: Fantini?

RICARDO APGAUA: Não Fantini não Fantini ainda era, ainda não era militância nesse momento. Edson Fanti, o Délio Fantini, o Edson Fantini era militante nós tava na União Soviética, ele seguiu pra União Soviética tava lá, na época do golpe mais ele não era da escola. O Delio Fantini (trecho incompreensível) era um aluno de, de ter si, de, de terceiro ano (trecho incompreensível) sétima série tal, e não era um militante. O, o Valter Chaber, o,

MARIA CERES: É, deixa eu também fazer uma pergunta? Essa comissão de inquirido que teve em relação a greve, cê lembra como é que ela se formou? Como é que ela atuou, lembra?

RICARDO APGAUA: Olha, eu não lembro como é que ela se formou mas, é tudo na época se formava, a partir de, aqui na escola se formava a partir de duas coisa, primeiro num poder de quase que monárquico, do, imperial do diretor da escola que era o Valter, que era o, qual e o nome dele agora não lembro?

MARIA CERES: Nelson Rotman.

RICARDO APGAUA: Nelson Rotman. Segundo que o nosso Nelson Rotman nesse momento, ele contou assim com uma certa, é um certo apoio dos professores, dos professores, e com muito apoio dos funcionário então ele, ele conseguiu manobrar bem isso né? Nós queríamos, de um número diminuir o número de, o quadro funcionário da escola, melhorar laboratório, melhorar isso, melhorar aquilo. Então, pra ele era fácil contar com o apoio, do, era fácil contar com apoio do, dos funcionários da escola, e seguramente, com o apoio do exército, e da polícia militar a escola ficou ocupada vários dias pela polícia militar, ocupada com tropa aqui dentro não foi, não era aquelas ocupações que ficam, pessoal do lado de fora da filosofia, e coisa desse tipo era tropa dentro da escola toda.

MARIA CERES: E as aulas continuaram o Ricardo?

RICARDO APGAUA: As aulas qua, quando as aulas continuaram, as aulas continuaram com tropa aqui dentro, e era extremamente intimidador né? Quem é que tinha coragem de continuar greve com tropa aqui dentro.

MARIA CERES: O Ricardo cê lembra de mais alguma reivindicação de vocês na época?

RICARDO APGAUA: Olha, todas as nossas reivindicações nos tínhamos, é gozado né? Nós, nós tínhamos alguns, os grupos, que predominavam na esquerda brasileira, e no movimento estudantil eram, partido comunista brasileiro, AP e Polop, nesse momento tinha um pouquinho de PCdoB mais PCdoB era muito pequeno, PCdoB só fica grande quando AP, e o PCdoB se unem, né? É, então, nesse momento, o, a, a postura que o partido comunista tinha, era de não iniciar lutas, políticas caracterizar lutas políticas era começar, das reivindicações mais básica que o pessoal tinha para, a partir daí chegando a posturas políticas, ou seja, qual era a nossa ideia? Era fazer um luta, totalmente reivindicativa pra melhorar a comida, pra diminuir os custos de comida, diminuir os custos de escola, haver mais investimentos em laboratórios e coisa desse estilo, e é, com a repressão vindo em cima da gente, a gente mostrar, que, olha, pra conseguir nisso a gente tem combater a ditadura porque, a ditadura é que combate, que é que impede que a gente lute por isso. Então, quando a polícia militar, entrar e ocupa a escola técnica, isso tava muito dentro da nossa, perspectiva, de transformar aquela luta reivindicativa, em uma luta política mais as nossas reivindicações eram, regulamentação da profissão do Estudante Técnico Industrial, é, acabar com os processos de, nepotismo, na aquisição de material pra escola e na aquisição de, é de alimentos para o refeitório. Eu não sei se cê sabe naquela época, todos os alunos da escola técnica tinham, café da manhã, almoço de graça gratuito ocê não paga nem esse R\$1,50, R\$ 2,50 eu não sei o que cê paga hoje, era gratuito, e é, e o pessoal do internato, tinha também o jantar. Então era uma questão assim que era um custo específico na escola questão do alimento eu não sei, hoje avaliar o quê que isso significava, mais na época a gente tento, falar o quê que significaria, compra alimentos mais barato e tal em termos de melhorar a estrutura da escola. Cê imagina que hoje nós um, um primeiro andar lá embaixo, aquilo que hoje nós chamamos de primeiro andar lá embaixo.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Era um lugar que só servia pra matar aula e tinha uma enfermaria lá, não tinha sala nenhuma, não tinha nada ali, ali tinha um espaço grande, no entanto ali não se fazia nada.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Eu não sei o quê que cê faz ali hoje mais, bom naquele primeiro andar não tinha nada se tinha, é você ti, o, os laboratórios da escola, as oficinas eram oficinas da época de, Juscelino Kubitschek o que foi posto na época do Juscelino

Kubitschek existiam os mesmo tornos, as mesma, as morças, os, os mesmos equipamentos, não existia renovação de equipamentos na escola técnica, e o pessoal reivindicava muito isso, né? Você já tinha na, naquela época de (trecho incompreensível) a deslumbrar, é eu lembro que nós tivemos uma exposição, de tecnologia tcheca aqui, na escola técnica naqueles anos, e o pessoal ficava, bobo de ver os, os tornos mecânicos da checoslovaca que tavam aqui, e ram da Tchecoslováquia apesar da Tchecoslováquia ser, no bloco socialista, dos países mais desenvolvidos, é eram assim, eram incomparavelmente melhores o, aqueles equipamentos do que a gente tinha aqui na escola. Então isso fazia com o que o pessoal quisesse coisas melhores e tal então todas as nossas reivindicações todas, foram reivindicações, é para melhoria do curso, na verdade isso não quer dizer que essa era nossa, intenção final.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Mas isso era, esse era o caminho que nós tínhamos traçado como nós do partido comunista brasileiro éramos muito forte aqui na escola técnica, esse, essa visão, de que a gente tinha que sempre, partir que nós somos os defensores da melhoria da escola, não era tudo que nós queríamos nós queiramos mais que isso nós tinha um projeto político também mais, a greve, não passou para o momento político, momento político nos expulsou da escola, pos uma repressão muito grande funcionando a turma, acalmou.

MARIA CERES: O, o Ricardo é, cê falou dessa, essa comissão que foi formada, é cê não chegou então a passar por ela?

RICARDO APGAUA: Passei.

MARIA CERES: Passou?

RICARDO APGAUA: Foi após essa comissão que eles decidiram, foi essa comissão que decidiu a expulsão.

MARIA CERES: (trecho incompreensível)?

MARIA CERES: Cê lembra, cê lembrado interrogatório?

RICARDO APGAUA: Foi, eles puseram a cul, lembro mais ou menos, lembro mais ou menos.

MARIA CERES: Cê lembra que ele compunha a comissão?

RICARDO APGAUA: Eu lembro de algumas pessoas assim tá,

MARIA CERES: Quanto tempo cê foi inquerido?

RICARDO APGAUA: Ah não sei, deve ter demorado algumas horas não sei umas duas horas sei lá, um negócio assim.

MARIA CERES: Foi curto?

RICARDO APGAUA: Foi curto fo, relativamente curto porque na, até porque, eu tava muito disposto, como a gente queria defender a ideia de que nós tavamos fazendo uma, uma luta pura e exclusivamente, é,

MARIA CERES: Reivindicatória?

RICARDO APGAUA: Reivindicatória, para reivindicação de melhoria da escola, esse era, o ponto que a gente deveria bater nele. Então é, o, é a verdade, e que quando começou a greve.. Inclusive é muito estranho isso nós tava no refeitório, numa assembleia, e a nossa tentativa de todos nós que éramos dos partidos políticos era tentar, fazer um momento de dialogo maior, de tentar com dinheiro (trecho incompreensível) da escola e, na verdade a, a decisão de, fazer a greve, foi o plenário que, vamos fazer greve, fazer greve, fazer greve falei assim bom o pessoal tá disposto porque nós tinha muito medo da greve dar errado, começamos a repressão muito grande dentro da escola, e a gente não ter condição de,

MARIA CERES: Qual foi o estopim da greve? Porque que a greve começa?

RICARDO APGAUA: A greve começa por causa disso porque o pessoal ficou sabendo que o, a é o que mais irritou todo mundo é que todo o materi, todo, todos os ali, os produtos alimentícios usados na escola vinha, de uma fazenda de alguém muito próximo parente muito próximo do Nelson Hortman, isso foi o que isso disparo,

MARIA CERES: O movimento (trecho incompreensível)

RICARDO APGAUA: O movimento.

MARIA CERES: Deixa eu só perguntar uma coisa (trecho incompreensível) ,

MARIA CERES: É, a respeito des, de comissão cê falou dessa comissão, e cê, cê mencionou se eu não tô errada a existência de uma outra anteriormente?

RICARDO APGAUA: Nós tivemos duas comissões aqui, uma no momento do golpe, teve uma comissão de inquérito pra apurar, os agitadores dentro da escola não sei das quantas e tal que devia tá atendendo, algum tipo de exigência,

MARIA CERES: Aham.

RICARDO APGAUA: Do exército, e foi, a primeira vez que eu me deparei com o Bene, né? É, eu as vezes quando eu,

MARIA CERES: Bene?

RICARDO APGAUA: O Bene o Benedito.

MARIA CERES: Benedito.

RICARDO APGAUA: O Benedito, o tal que foi depois,

MARIA CERES: Que era professor de história?

RICARDO APGAUA: Era professor de, de,

MARIA CERES: (trecho incompreensível)?

RICARDO APGAUA: (trecho incompreensível), de,

MARIA CERES: De história?

RICARDO APGAUA: Não é, como é que chama? É (trecho incompreensível) social, como é que é aquele negócio é, o gente!

MARIA CERES: É, racional do trabalho?

RICARDO APGAUA: Não, não é trabalho não é, educação (trecho incompreensível) sei lá o que (trecho incompreensível) é, entendeu? Ah foi depois né? Depois ele foi disso mais é era realmente um negócio assim era, era professor de história ele era professor de his, inicialmente era de história depois é que ele foi, professor,

MARIA CERES: Sim.

RICARDO APGAUA: Professor de moral e cívica mais não sei das quantas e tal.

MARIA CERES: Ele compõe essa primeira comissão?

RICARDO APGAUA: Ele compôs a primeira comissão, e foi a primeira vez que eu me deparo com ele depois, de ele ter posto os livros todo na mesa, perguntar se ninguém ia ler ele começou a gritar eu tive que tirar os livros da mesa dele, (trecho incompreensível). É isso é que eu não sei se eu contei aqui con.. contei com,

MARIA CERES: (trecho incompreensível).

RICARDO APGAUA: Tá.

MARIA CERES: Na, a voz gravou tudo o pessoal (trecho incompreensível).

RICARDO APGAUA: Não porque eu sei que isso aí, eu falei disso antes um pouco mais bom,

MARIA CERES: Ah! É verdade.

RICARDO APGAUA: É verdade. Então eu tinha contado aqui só pra repetir por causa da, da voz aqui se não tiver.

MARIA CERES: Isso.

RICARDO APGAUA: Que ele, falou em uma aula, que ele falava sobre evolução, por uma obrigação imposta pelo ministério da educação, e eu no dia seguinte trouxe, fui a biblioteca da Sociedade Antropologia de Minas Gerais, trouxe uma série, série de livros, a respeito de pesquisas, é paleontológicas e tal de, é de neandertais e de, e de

(trecho incompreensível), erectus de boai e mais não sei das quantas, trouxe tudo pus na frente dele, e falei que existiam, provas científicas da evolução, e que eu gostaria que ele lesse pra não falar isso pros alunos outra vez porque podia, ser muito negativa.

MARIA CERES: Porque ele era criacionista?

RICARDO APGAUA: Ele era criacionista é.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Não, ele disse que ele tava dizendo aquilo porque, é era uma obrigação do Ministério da Educação mais que todos soubessem que a história da humanidade estava na bíblia, isso ele disse aqui na escola técnica ele não tava (trecho incompreensível), ele não tava,

MARIA CERES: O Ricardo, sobre essa primeira comissão, cê lembra de alguma coisa assim do funcionamento dela?

RICARDO APGAUA: Eu não lembro mais de ninguém além do,

MARIA CERES: Do Benedito?

RICARDO APGAUA: Do Benedito.

MARIA CERES: E da segunda?

RICARDO APGAUA: Da segunda eu lembro, depois que nós,

MARIA CERES: Da greve?

RICARDO APGAUA: Eu tentei me lembrar depois que nós conversamos, lá no, no pátio exposição lá no pa,

MARIA CERES: Sim.

RICARDO APGAUA: E, eu, passou pela minha cabeça realmente o ra, o, Raimundo Rios participou dessa comissão, eu lembrei,

MARIA CERES: Da segunda comissão?

RICARDO APGAUA: Da segunda comissão mais eu não lembro os outros. Eu posso ir ao banheiro? Deixa eu ir ao banheiro aqui que eu,

INTERLOCUTOR: Ali em frente.

MARIA CERES: Só tirando uma dúvida cê, é cê tem então dois Raimundo Rios aqui na escola?

RICARDO APGAUA: Não cê tinha o Rios Neto, e o Raimundo Filho. O Rios Neto, era, professor de que? Eu, agora não vou lembrar nem de quê que,

MARIA CERES: Mais esse,

RICARDO APGAUA: Ahn?

MARIA CERES: Não era o primeiro nome dele, cê não sabe o primeiro nome dele, O Rios Neto?

RICARDO APGAUA: O Rios Neto eu não sei mais ele,

MARIA CERES: Ok.

RICARDO APGAUA: Ele foi casado com a Júnia, uma jornalista Júnia Rios Neto.

MARIA CERES: Eu conheço.

RICARDO APGAUA: Ele foi casado com ela eles tinha se separado, é era o Rios Neto,

MARIA CERES: Ele era professor ou foi diretor?

RICARDO APGAUA: Não ele era o professor. O Rios Neto foi professor da escola técnica, cê vão achar aí nessa época se vocês, se vocês procurarem nessa época cê vão localizar. É, e o Raimundo Rios foi, era o professor de química foi, é coordenador o primeiro coordenador do curso de química.

MARIA CERES: É o Raimundo Rios é, Raimundo Rios, é cê lembra da participação dele nessas comissões?

RICARDO APGAUA: O Raimundo Rios eu, depois que você me falou é que eu, fazendo um imenso esforço de memória eu me lembrei dele na comissão de inquérito, depois da greve, é eu acho que era natural pro Raimundo Rios, porque ele era o coordenador do curso de química eu estava no curso de química, e no fundo, no fundo, eu acabei, o Marcos Mauro, é foi mandado embora ma, foi ma, foi expulso da escola mais como um exemplo pra todos os alunos que o pessoal do, do sétimo do CET.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Centro Estudantil Técnico Industrial não podia fazer qualquer coisa. Mas eu fui mandado embora porque considerava que eu já não era um aluno da escola que eu era, eu era um elemento subversivo que tava infiltrado na escola pra poder, lutar contra o governo então, é disse, eu era uma pessoa bem publica naquela época, e publica que eu digo era assim, é, a minha fama, política ela superava muito os limites da escola técnica.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Né? Eu tinha, eu circulava, praticamente o movimento secundarista todinho, eu, circulava no movimento universitário, eu participava de assembleias universitárias, dava palpite eu era secundarista eu dava palpite, falava e tal a respeitado. Então de certa maneira eu era dito como militante, em todos os níveis

então a minha, eu acho que, se por um lado o, é quiseram me institui num exemplo, no caso do Marcos Mauro, (trecho incompreensível) no meu caso foi, eliminar um estorno mesmo que tava, que, que criava, que podia criar problemas e que tava indo mais pra criar problema do que realmente pra, seja, nenhum momento eu acredito que eles pensaram, que eu podia realmente tá interessado em melhoria da escola, coisa que até eu tava não é? Não quer dizer que eu não estivesse mais, mais eu tinha outros objetivos mais à frente.

MARIA CERES: É quanto o, Ricardo só mais uma coisa, é a respeito, é de arquivo do CET, dá, da União Mineira dos Estudantes Técnicos Industriais, de papal produzido por vocês nessa época,

RICARDO APGAUA: Olha,

MARIA CERES: O quê, existe, cê acha que existe possibilidade de alguém ter guardado alguma coisa?

RICARDO APGAUA: O Dops pode ter guardado, o Dops entrou na UEE, pegou o nosso armário levou, eu fui,

MARIA CERES: Ah! Cês tiveram uma época na UEE né?

RICARDO APGAUA: É. O e, o Dops invadiu a UEE e levou todos os nossos arquivos, nós tentamos através da diretoria da escola na época, e nós tentamos diretamente no Dops, eu fui ao Dops pra pedir, a devolução dos arquivos da Umeti. Não existia nada de político militante nos arquivos da Umeti, tinha algumas pesquisas que nós fizemos nas escolas técnicas, pra saber a quantidade de gente que tinha entrado, é, é, a gente fazia isso muito, pra poder mostrar serviço e pra poder ter acesso as escolas técnicas no interior. Então nós fizemos várias pesquisas pra saber, é qual que era é o (trecho incompreensível) e a quantidade e a, de estudante da escola técnica que saiam, formavam e iam trabalhar (trecho incompreensível) iam pro curso superior após,

MARIA CERES: A respeito de papel que vocês produziam?

RICARDO APGAUA: Tudo ficou lá. ele pegaram, na UEE pegaram tudo.

MARIA CERES: Existia pa, existia?

RICARDO APGAUA: Existia, existia um atlas, olha só existe um atlas, existiu,

MARIA CERES: Manifestos?

RICARDO APGAUA: Manifestos, só que manifesto cada vez que a gente fazia um, a gente distribuía até o último manifesto né? O que não tinha que ficou como exemplo um arquivo qualquer da Umeti, ficou no armário da Umeti e,

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: E lá foi embora. Eu procurando no arquivo público mineiro não vi nada da Umeti no arquivo publico mineiro. Procês terem uma ideia, cê imagina que na minha, é, é quando (trecho incompreensível), quando eles fazem um resumo, da organização, para o, pra quarta (trecho incompreensível) tribunal, eles colocam aquelas acusações que eu falei aqui anteriormente, ou seja, eles pegam, é cada (trecho incompreensível) fulano de tal acusou Ricardo Apgaua disso falou, fulano de tal acusou Márcio Lacerda disso, disso daquilo então (trecho incompreensível) todas as, uma sequência de acusações, como se fossem as provas, de que ele lutou contra a ditadura então, a acusação que Márcio Lacerda faz a mim, a, até nisso ele respondeu outra coisa que ele sabia que eu não fui tesoureiro da Umeti falou que eu fui, teria falado, que eu fui tesoureiro da Umeti, quer dizer, o Márcio Lacerda sabia o quê que eu fui da Umeti era publico né? Então tá lá, Márcio Lacerda disse que foi, como se isso fosse crime ser, tesoureiro, qualquer coisa da União Mineira de Estudantes Técnicos Industriais. Então esse tipo de coisa, era, é uma coisa que, então eles consideravam isso, é interessante que a, a polícia considerava isso como, prova de crime, é, é um negócio muito esquisito quando a gente che, saiu do Brasil chegando no Chile, depois principalmente quando chega na Suécia, quando você faz um currículo, pessoal fala assim, coloca aí que você foi, vice-presidente da União Mineira de Estudantes Técnicos Industriais isso pra quê que eu vou por isso? Isso é muito importante, isso mostra capacidade, colaboração de não sei das quantas de trabalhar em grupo e coisa, isso é mérito, ter sido,

MARIA CERES: Você, você foi processado e foi condenado ou absolvido?

RICARDO APGAUA: Eu tenho, eu tive a, eu li sobre alguns processos eu fui condenado.

MARIA CERES: Ahn.

RICARDO APGAUA: É, eu só tenho documentos de uma condenação há 2 anos e meio que essa que tá aqui o, é a única que eu tenho, de condenação mais eu sei que eu tive outras,

MARIA CERES: Pela,

RICARDO APGAUA: Eu tive outras.

MARIA CERES: Pela corrente?

RICARDO APGAUA: Pela corrente.

MARIA CERES: Na participação na corrente?

RICARDO APGAUA: Não mais eu tive várias (trecho incompreensível) ,

MARIA CERES: Pois é.

RICARDO APGAUA: Da corrente. Agora, e depois ninguém condenava mais ninguém. Já num segundo momento, se aquele momento em que prenderam a corrente aqui, a partir daqui,

MARIA CERES: Que é, que ano que é esse?

RICARDO APGAUA: Isso aqui é, 30 de novembro de 71 né? Eu fui condenado a 2 anos e meio. Mas, mais é, antes disso eu vi uma vez no Estado de São Paulo eu tava em Santos, e eu vi no Estado de São Paulo uma condenação minha há 10 anos que eu nunca mais achei em lugar nenhum, eu não sei se teve mesmo, se foi, sabe se confundiram uma coisa com a outra e tal. Então é, eu não sei exatamente quantos processo eu fui condenado, mais depois que eu tava na ALN depois que eu voltei de Cuba, a ideia deles envenenava mais ninguém não dali eles matavam quem tinha que matar e pronto, e o cara que ficasse na cadeia ficava na cadeia e pronto também não, né?

MARIA CERES: Uma dúvida só que ficou pra mim,

RICARDO APGAUA: Eu tenho um, eu acho que eu tenho um, uma cópia disso aí.

MARIA CERES: Tem um?

RICARDO APGAUA: Ah não tenho não (trecho incompreensível).

MARIA CERES: É porque nos documentos do Cesar (trecho incompreensível) os motivos né? A reivindicações, a única coisa que eu tenho,.

RICARDO APGAUA: Aqui o, se quiser tenho aqui também a, o mandato prisão.

MARIA CERES: Deixa eu só terminar (trecho incompreensível).

RICARDO APGAUA: O mandato de prisão da época, teve no arquivo público mineiro.

MARIA CERES: Ricardo só aproveitando,

RICARDO APGAUA: Mais por exemplo tem, tem artigos no cruzeiro, com fotografias procurados e tal minha fotografia ao lado do Carlos Mariano então, quer dizer esse aí por algum motivo, acabou ficando os outros todo cê passa pra um passa pra outro.

MARIA CERES: Hum.

RICARDO APGAUA: Empresta, uma entrevista como essa aqui, hoje (trecho incompreensível) com telefone mais, isso aí é o (trecho incompreensível) realmente. Mais de qualquer maneira naquela época quando chegou já em 72, é 72, 73 (trecho incompreensível), quando era (trecho incompreensível). Cê já tava condenado, a (trecho incompreensível) e a morte ali se fosse o caso né? Até mesmo pessoas que

contribuiu que, que não aguentaram tortura e, e entregaram coisas importante e, foram assassinados.

MARIA CERES: Uhum, Só mais uma questão dá, da greve de 66,

RICARDO APGAUA: Uhum.

MARIA CERES: Que a gente até queria muito saber quais quis, quis que eram né? A reivindicações cê contou pra gente, é porque nos documento oficiais, a única coisa que ele ach, que eles citaram né? Como motivo pra greve foi um desentendimento, com o professor de esportes, aí,

RICARDO APGAUA: Imagina que Fernando era professor de esporte tinham dois, era os melhores amigos que nós tinha Fernando era o meu, vizinho, morava na rua Piauí na frente da minha casa. Casado com Aparecida, e eu era muito amigo do irmão da Aparecida que era o Evaristo, é meu irmão era muito amigo do Raul filho da Aparecida, então, quer dizer, nunca houve nenhum tipo de desentendimento com nenhum professor de educação física pelo contrário, os professores que eram, que não havia nenhuma discussão com eles, nós tínhamos dois professores que nenhum, nem que foi dizer que os motivos eram nem justos, nem nada. Professor de esportes, todo mundo amava os professores de esporte porque todo mundo exceto eu, mais inclusive o meu irmão, todo mundo jogava futebol, todo mundo adorava. A gente chegava aqui 07h00min da manhã pra ter aula de educação física, pra chegar 07h00min da manhã e economizar o dinheiro do cigarro, nos saíamos do bairro do Cruzeiro, perto do corpo de bombeiro, descia na Avenida do Contorno, pegavam aquela rua que avenida que entra ali pelo Gutierrez a dentro, chegava no (trecho incompreensível) a gente atravessava o Gutierrez, pegava a rua, a rua, uma rua dessas na barroca aqui, e vinha a pé pra escola técnica e só pegar o dinheiro do ônibus e vim pro cigarro, chegar pra chegar 07h00min da manhã saia antes das 06h00min, do Cruzeiro e vinha, rápido, pra poder economizar o dinheiro do cigarro.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Todo mundo adorava aula de educação física, mais é aula educação física era um momento de descontração legal e tal. É, os professores de educação física sempre foram, professores muitos queridos eu nem lembro o nome do outro professor mais o Fernando eu lembro, porque ele era o padrasto do Raulzinho era meu, era um amigo, era um cara que,

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Tava ali na frente lá de casa. Quando eu voltei, tem até um, um negócio muito interessante. Eu tinha um vínculo muito, assim, eu tinha uma admiração muito grande pela Dona Yolanda Mourão Teixeira Nery que era nossa professora de português, inclusive eu fazia uma brincadeira com ela que ela pode, podia ficar, depois que eu fui expulso eu falei com ela, a senhora pode ficar tranquila Dona Yolanda porque a senhora ainda vai ser minha madrinha de casamento mesmo depois, da senhor ter votado a favor da minha expulsão no conselho de professores.

MARIA CERES: Falou assim?

RICARDO APGAUA: Falei. Eu gostava muito da Dona Yolanda, e quando eu cheguei da anistia em 79, os vizinhos todos, se juntavam na minha casa, todo mundo foi lá em casa. Papai vez uma festa e, todos os vizinho foram convidados o dono do bar da esquina foi convidado.

MARIA CERES: Uhum.

RICARDO APGAUA: Todo mundo foi lá pra casa. E eu e o Fernando, é não, é por qualquer motivo não tava por lá mais encontrou comigo na rua, me deu uma abraço, bem-vindo de volta e tal, e aí eu perguntei pro Fernando: “ E a Dona Yolanda?” “Ah! Dona Yolanda ela faleceu não sei das quantas.” Eu esqueci que a, sogra dele chamava Dona Yolanda, e eu tava perguntando Dona Yolanda da escola técnica. Eu só fui entender isso muito tempo depois que eu falei Dona Yolanda eu falei assim, quem te falou? Fernando que (trecho incompreensível) tava falando da sogra dele, né mesmo que a sogra dele chamava Dona Yolanda.

MARIA CERES: Tá bom gente?

INTERLOCUTOR: Tá.

MARIA CERES: Tá.

MARIA CERES: Só isso né?

MARIA CERES: Tá ótimo.

MARIA CERES: Ricardo, a gente gostaria te agradecer enormemente.

RICARDO APGAUA: Eu tô as ordens.

MARIA CERES: Pedir desculpa.

RICARDO APGAUA: Tudo que cês quiserem eu tô as ordens. Vou arranjar um, eu vou ver se eu mando procês dalguma forma, um livro é para a biblioteca lá do (trecho incompreensível).

MARIA CERES: Otimo! Se puder, se puder é ótimo mais se não puder, eu deixo emprestado a minha (trecho incompreensível),



RICARDO APGAUA: Quem deve ter esse livro também,

MARIA CERES: Eu queria que cê escrevesse uma dedicatória tá Ricardo pra nós (treco incompreensível).

RICARDO APGAUA: Não fui eu que escrevi o livro eu só escrevi um artigo do livro eu quero,